



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU

ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



América Latina, hoje

Silvio Caccia Bava

As mudanças estão acontecendo na América Latina

Raúl Zibechi

A América Latina só vai crescer após romper com o livre mercado

Héctor-León Moncayo

América Latina: em busca de uma nova integração?

E mais:

>> **Eliana Yunes:**
Bem e mal em
Guimarães Rosa

Eleazar López Hernández:
A importância da
Teologia Índia

292

Ano IX

11.05.2009

ISSN 1981-8469

América Latina, hoje

“O quadro político da América Latina, considerando os últimos anos, é de mudança. Nós temos 11 presidentes que foram eleitos nesse período, alguns deles reeleitos, e que deslocam as elites do poder, trazendo uma agenda nova, muitas vezes calcada nas demandas da maioria. Em alguns casos, essa maioria é composta por uma maioria étnica, como são os indígenas na região Andina, no Equador e Bolívia. Então, temos um quadro político que felizmente rompeu com a uniformidade calcada no neoliberalismo e que hoje permite à América Latina repensar o seu futuro, o seu projeto de desenvolvimento e as suas formas de integração.” A constatação é do cientista social **Silvio Caccia Bava**, na entrevista publicada nesta edição da revista **IHU On-Line**, que tem como tema de capa “América Latina, hoje”.

Além de **Caccia Bava**, contribuem na descrição do atual panorama político, econômico, social e religioso da América Latina, **Adrián Padilla Fernández**, da Universidade Simon Rodriguez, na Venezuela, **Alfredo Molano**, sociólogo e jornalista colombiano, **Héctor-León Moncayo**, economista colombiano, **Raúl Zibechi**, jornalista uruguaio, **René Cardozo**, jesuíta, politólogo boliviano, o paraguaio **José Maria Blanch** e **Eleazar López Hernández**, teólogo indígena mexicano.

Completam esta edição as entrevistas com **Roberto Efrem Filho**, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sobre a relação existente entre mídia e política a partir de uma análise das capas da revista *Veja*, durante os mandatos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, e com **Eliana Yunes**, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, que acaba de lançar a obra *Bem e mal em Guimarães Rosa* (Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio, UAPE, 2009).

Nesta semana, estará na Unisinos, discutindo os conceitos fundamentais dos livros *Império* e *Multidão*, de Antonio Negri e Michael Hardt, **Giuseppe Cocco**, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. “O Império e a Multidão no contexto da crise atual” é o tema que abordará na conferência que proferirá, no dia 13 de maio. Numa promoção conjunta do Instituto Humanitas Unisinos – IHU e do Curso de Serviço Social, o professor também participará do Seminário Crise, Políticas Públicas e Transferência de Renda com a palestra “Crise, políticas públicas e transferência de renda”.

A todos e todas uma ótima leitura e uma excelente semana!



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Revisão: André Dick (ahdick@unisinos.br). Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling e Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br). IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.unisinos.br/ihu. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | **Silvio Caccia Bava:** As mudanças estão acontecendo na América Latina

PÁGINA 09 | **Adrián Padilla:** Venezuela e o bolivarianismo. A busca de um modelo socialista

PÁGINA 13 | **Héctor-León Moncayo:** América Latina: em busca de uma nova integração?

PÁGINA 17 | **Raúl Zibechi:** Um giro à esquerda na América Latina? Se há, só na Bolívia

PÁGINA 19 | **Alfredo Molano:** Movimento indígena: “mais organizado e combativo”

PÁGINA 21 | **José Maria Blanch:** O desafio de reconstruir o país

PÁGINA 22 | **René Cardozo:** Bolívia: um governo apoiado nos movimentos sociais

B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 26 | **Eleazar López Hernández:** “Não basta salvar a nós, indígenas; é preciso salvar toda a humanidade e toda a criação”

» Livro da Semana

PÁGINA 30 | **Eliana Yunes:** A fundição do bem e do mal em Guimarães Rosa

» Entrevista da Semana

PÁGINA 32 | **Roberto Efrem Filho:** *Veja* criminaliza a política brasileira

» Destaques On-Line

PÁGINA 37 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

» Perfil Popular

PÁGINA 42 | **Maria Leoni Sauter Hennemann**

» IHU Repórter

PÁGINA 45 | **Adriano Braun Domingos Xavier**

SÃO LEOPOLDO, 11 DE MAIO DE 2009 | EDIÇÃO 292



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa





UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



As mudanças estão acontecendo na América Latina

Ideologia se preocupa apenas com o presente, e a esquerda latino-americana seguiu esse perfil por mais de 15 anos, revela Silvio Caccia Bava. Brasil, Argentina e México são chave para modelo de integração no continente

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

A ideologia neoliberal não pensa no futuro, acusa o cientista social Silvio Caccia Bava na entrevista exclusiva que concedeu por telefone à **IHU On-Line**. Segundo ele, o neoliberalismo administra apenas o presente, e infelizmente a esquerda latino-americana durante mais de 15 anos “entrou nessa”, e não pensou o futuro dos países e do continente como um todo. A atual desmoralização do sistema em função da crise oferece a possibilidade de “se discutir e debater que futuro nós queremos para nosso país e continente”. Contudo, avalia o pesquisador, o capitalismo não irá acabar, mas se transformará em algo que já é chamado de social-democracia global. Sobre as perspectivas que surgem a partir das eleições na Bolívia, Chile e Uruguai este ano, acredita que tudo ficará muito parecido com a situação atual. Analisou, ainda, a preponderância do Brasil, Argentina e México no continente: “São países-chaves para indicar os modelos de integração que podem vir a se desenvolver”.

Caccia Bava é graduado em Ciências Sociais e mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), com a dissertação *Práticas cotidianas e movimentos sociais: elementos para reconstituição de um objeto de estudo*. Pesquisador no Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais, em São Paulo, é autor de *Programas de renda mínima no Brasil: impactos e potencialidades* (São Paulo: Instituto Pólis, 1998) e *Participação, representação e novas formas de diálogo público* (São Paulo: Instituto Pólis, 2001). É um dos organizadores de *Segurança alimentar e nutricional: a contribuição das empresas para a sustentabilidade das iniciativas locais* (São Paulo: Instituto Pólis, 2003). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como percebe o quadro político da América Latina? Como os diferentes modelos de governo (progressista, nacionalista e integracionista) se relacionam?

Silvio Caccia Bava - O quadro político da América Latina, considerando os últimos anos, é de mudança. Nós temos 11 presidentes que foram eleitos nesse período, alguns deles reeleitos, e que deslocam as elites do poder, trazendo uma agenda nova, muitas vezes calcada nas demandas da maioria. Em alguns casos, essa maioria é composta por uma maioria étnica, como são os indígenas na região Andina, no Equador e Bolívia. Então, temos um quadro político que felizmente rompeu com a uniformidade calcada no neoliberalismo e que hoje permite à América Latina repensar o seu futuro, o seu

projeto de desenvolvimento e as suas formas de integração. Isso é diferente do que ocorria nos anos 1990, quando as regras eram ditadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), pela Organização Mundial do Comércio (OMC), enfim, pela força das grandes corporações transnacionais.

Também há uma diversidade entre os modelos de governo no continente. Existe a iniciativa da União das Nações Sul Americanas (Unasul), que é recente e tenta promover uma integração a partir de uma ótica predominantemente brasileira. Existe a Aliança Bolivariana das Américas (Alba), que é uma integração que reúne Venezuela, Bolívia, Cuba, Equador e que traz uma outra perspectiva, quer dizer, não é somente uma integração comercial, de mercados, existe aí um esforço de resolver

o déficit acumulado na área de saúde. Cuba, por exemplo, está enviando milhares de médicos para o programa Venezuelano Bairro Adentro. A Unesco¹ já comprovou a erradicação do analfabetismo com uma proposta realizada na Bolívia e Venezuela, que são esforços contidos nesse marco da integração regional com a complementaridade entre os países, daquilo que eles têm a oferecer para impulsionar uma agenda de melhoria da qualidade de vida, de políticas sociais, de garantia de direitos.

IHU On-Line - Bolívia, Chile e Uruguai terão eleições neste ano. Quais são as perspectivas nesse sentido?

¹ Unesco: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. A página na internet da Unesco no Brasil é www.brasilia.unesco.org (Nota da IHU On-Line)

Podemos esperar avanços ou mudanças nesses países?

Silvio Caccia Bava - Tenho a impressão de que vai ficar tudo muito parecido com o que está acontecendo atualmente. Na Bolívia, as eleições irão reafirmar essa mobilização ampla social das organizações que são majoritariamente dos povos originários, como eles próprios se identificam, e que nós chamamos de indígenas. O fato de denominar como indígenas já indica uma visão colonialista. Assim, eles recuperaram a sua identidade ao se identificarem como povos originários. No Chile, existe uma disputa mais difícil, mas, de qualquer maneira, me parece que o candidato Eduardo Frei,² que já foi presidente do Chile e é candidato pela Concertación,³ uma aliança de partidos representada hoje pela presidente Bachelet,⁴ tem boas chances de vencer. Isso significaria também uma continuidade da Concertación no governo, ainda que na sua vertente mais democrata-cristã. O resultado no Uruguai é uma incógnita, quer dizer, nós temos um processo democrático que é dos mais profundos e enraizados na sociedade em toda a América Latina. Acredito inclusive que alguns candidatos vão polarizar as eleições. O senador Mujica,⁵ candidato à presidência,

² Eduardo Frei Ruiz Tagle (1942): engenheiro e político chileno, foi presidente de seu país de 1994 a 2000, sendo o segundo presidente eleito após a saída de Augusto Pinochet do poder. (Nota da IHU On-Line)

³ Concertación de Partidos por la Democracia: é uma coalização de partidos políticos chilenos onde confluem social-democratas e democratas-cristãos. Está formada por quatro partidos políticos principais: Partido Democrata Cristiano (PDC), Partido por la Democracia (PPD), Partido Radical Social Democrata (PRSD) e Partido Socialista (PS). (Nota da IHU On-Line)

⁴ Verónica Michelle Bachelet Jeria (1951): médica e política chilena. É a atual presidente da República do Chile, e desde 2008, também é presidente da União das Nações Sul-Americanas. Ela ocupou o cargo de ministra da saúde no governo de Ricardo Lagos, entre 2000 e 2002. Posteriormente, foi ministra da defesa. (Nota da IHU On-Line)

⁵ José Alberto Mujica Cordano (1934): agricultor e político uruguaio, atualmente senador pela Frente Ampla. É o candidato desse partido para as eleições presidenciais de outubro deste ano de 2009. Já foi deputado, ministro da Pecuária, Agricultura e Pesca e, em sua juventude, militou em atividades de guerrilha como membro do Movimento de Libertação Nacional-Tupamaros. Mais informações sobre Mujica podem ser obtidas no sítio do IHU

costuma andar de bicicleta, não gosta de automóvel porque acha que polui o ambiente, e é desnecessário utilizá-lo. Então imagine, numa crise da matriz energética e de um modelo de desenvolvimento, esse candidato terá bastante aceitação.

IHU On-Line - Brasil, Argentina e México podem ser considerados os países mais fortes do continente? Que papel eles desempenham no continente?

Silvio Caccia Bava - O papel deles é preponderante. Se somarmos a Argentina, o Brasil e o México, temos uma boa parte do PIB do continente da população. Esses são países-chaves para indicar os modelos de integração que podem vir a se desenvolver no continente. Como percebemos, são países que têm orientações distintas. O México também terá eleições e possivelmente vai aparecer de novo o que aconteceu nas eleições passadas, quando o candidato da oposição, Manuel López Obrador,⁶ venceu as eleições, mas elas foram fraudadas. Então, o seu oponente conservador assumiu a presidência. Isso praticamente rachou ao meio o eleitorado e a cidadania mexicana, que já tem assistido também manifestações de amplas mobilizações sociais e de rejeição ao padrão imposto pelo governo central neoliberal. Falo das últimas revoltas que temos notícia em Oaxaca,⁷ Estado do México, no qual há cerca de dois anos vem acontecendo um processo intensivo de mobilização e organização mais autônomas dos interesses regionais. O mesmo acontece há mais tempo na região de Chiapas com o Movimento Zapatista,⁸ que cons-

(www.unisinos.br) (Nota da IHU On-Line)

⁶ Andrés Manuel López Obrador (1953): político mexicano. Foi chefe de governo do Distrito Federal mexicano em 2005, quando renunciou ao cargo para iniciar sua campanha pela presidência do México, nas eleições de 2006. Ele é militante do Partido de la Revolución Democrática (PRD). (Nota da IHU On-Line)

⁷ O Livre e Soberano Estado de Oaxaca, ou simplesmente Oaxaca, é um dos 31 estados do México, localizado na parte meridional do país. Historicamente, Oaxaca é a terra dos Zapotecas e Mixtecas. Um dos maiores heróis nacionais mexicanos, Benito Juárez, era oriundo do povoação oaxacana de San Pablo Guelatao. Maiores e mais completas informações podem ser obtidas em www.unisinos.br/ihu (Nota da IHU On-Line)

⁸ Movimento Zapatista: inspirou-se na luta de

truiu comunidades autônomas que não aceitam mais a autoridade do governo central e que, inclusive, tem exército para preservar essa possibilidade de uma organização mais democrática, mais calcada nos interesses próprios. Essa região é muito pobre e tem sido explorada pela oligarquia regional.

IHU On-Line - O senhor defende a necessidade de mudanças diante da crise atual e aposta no poder da ação coletiva. Como percebe isso na América Latina? Quais são atuais atores sociais latino-americanos que podem mudar o curso da conjuntura? Como eles podem fazer isso?

Silvio Caccia Bava - Essa conjuntura está atravessada por uma crise que é mundial, e que não é apenas financeira, como às vezes pode parecer. Essa é uma crise do próprio modelo de acumulação, do capitalismo. O capitalismo não irá acabar, mas sim assumir formas diferentes do neoliberalismo de agora. Contudo, já existem setores avançados do empresariado, das grandes corporações, que estão pensando justamente o que colocar no lugar do neoliberalismo. As indicações mais recentes que temos são de uma ideia de uma social-democracia global. O grande empresariado está percebendo que a crise está “pegando pesado” junto à maioria, nas formas de desemprego, pobreza, encolhimento do cobertor de proteção das políticas de saúde, educação e previdência. Essas coisas estão chegando agora e são efeitos da crise que começam a se fazer sentir junto à população. Também estamos começando a assistir protestos e mobilizações. Nessa perspectiva de buscar e legitimar o sistema tal qual é

Emiliano Zapata contra o regime autocrático de Porfirio Díaz, que encadeou a Revolução Mexicana em 1910. Os zapatistas tiveram mais visibilidade para o grande público a partir de 1º de janeiro de 1994, quando se mostraram para além das montanhas de Chiapas com capuzes pretos e armas nas mãos dizendo Ya Basta! (Já Basta!) contra o Nafta (acordo de livre comércio entre México, Estados Unidos e Canadá), criado na mesma data. O movimento defende uma gestão democrática do território, a participação direta da população, além da partilha da terra e da colheita. Maiores e mais completas informações sobre o movimento podem ser obtidas em www.unisinos.br/ihu (Nota da IHU On-Line)

hoje, esse grande empresariado que se reúne na Organização Mundial do Comércio (OMC) para pensar essa alternativa, está pensando em melhorar políticas públicas de cobertura de saúde e educação, na redução ou anulação da dívida externa dos países mais pobres e em mais iniciativas que busquem legitimar, novamente, esse capitalismo tal qual ele é. A ideia é manter esse mesmo modelo, mas acrescentar um conjunto de políticas sociais que façam com que a pressão exercida na sociedade se reduza e uma parte dela fique satisfeita.

IHU On-Line - Os atuais governos latino-americanos aproximam ou afastam os movimentos sociais das lutas?

Silvio Caccia Bava - Essa é uma enorme contradição, porque muitos desses governos se apoiam nos movimentos sociais, já que não tem de onde tirar poder senão deles. Veja como foram aprovadas as constituições do Equador e Bolívia, que são bem recentes. Houve da parte desses setores mobilizados da sociedade, dos grupos de cidadãos que se organizam em defesa de direitos, como os denomino, um cerco ao Congresso. Milhares de pessoas se reuniram à volta dos congressos no momento da votação das constituições para pressionar os parlamentares a aprovarem as Cartas Magnas. Então há, aí, um jogo complementar no qual há representação político partidária que encaminha as proposições, mas, em si, não tem a força para fazer essa mudança, então combina essa iniciativa junto com as entidades, movimentos, federações e redes de cidadania que se mobilizam para garantir que a mudança ocorra.

IHU On-Line - Concorde com a afirmação de que a esquerda latino-americana está em crise? Se sim, quais são suas características?

Silvio Caccia Bava - Certamente. Acho difícil haver alguém que diga o contrário. Acontece que o neoliberalismo se colocou com tanta força como doutrina, ideologia hegemônica, numa perspectiva gramsciana, que fez com que não conversássemos,

não discutíssemos e não pensássemos mais o futuro. O neoliberalismo não pensa o futuro. Você não encontra um texto sequer, de político ou intelectual que assume postura neoliberal que fale de futuro. Eles tentam administrar o presente e minimizar as pressões para que esse presente venha a mudar. Durante mais de 15 anos, a esquerda latino-americana entrou nessa e não pensou o futuro do país, da América Latina. Se analisarmos o caso do Brasil, veremos que a discussão sobre o modelo de desenvolvimento volta agora, com a crise do neoliberalismo, com a desmoralização da doutrina neoliberal. Antes disso, não se falava em modelos de desenvolvimento, alternativas. Era a lógica do mercado imposta como uma vontade das grandes corporações que

“O Estado brasileiro é vertical, centralista e autoritário. Enquanto isso não mudar, nada de muito diferente do que vemos irá acontecer”

regia, e ainda rege, nossa sociedade, organizando valores, formas de sociabilidade, o trabalho, as aspirações de consumo, etc. Agora estamos tendo essa novidade, bastante recente, de que o neoliberalismo está desmoralizado porque gerou essa crise e é responsável por ela. Novamente, existe a possibilidade de se discutir e debater que futuro nós queremos para nosso país e continente.

IHU On-Line - Como percebe a mudança constitucional boliviana e equatoriana?

Silvio Caccia Bava - Cada uma das constituições possui peculiaridades, pois se tratam de países diferentes, atores diferentes, e demandas di-

versas, embora tenham grande identidade entre si. Estamos falando da vontade das pessoas, de movimentos amplos, organizados a partir de mais de uma década, que armam redes nacionais. Se pensarmos no caso do Equador, há dez anos se formou a Confederação Nacional dos Índios do Equador, a Conaq. Após dez anos, houve uma conquista de projeção política e espaço. Na Bolívia, temos menos conhecimento ainda do quanto foi o esforço de organização anterior, de dez anos atrás, mas lá há também uma tradição. Em 1956, os mineiros da Bolívia e os agricultores se uniram, confrontaram o governo e houve uma guerra. Os índios organizados destruíram o exército regular da Bolívia. Eles ocuparam o palácio, o poder. Entretanto, eles não tinham propostas alternativas, então acabaram escolhendo um presidente que, embora progressista, fazia o mesmo jogo de interesses das grandes corporações. O que é diferente nesses dois países é que eles buscam mais, bem mais do que nós fizemos no Brasil com a Constituição de 1988. Essa Constituição ampliou direitos e espaços de participação e tem um aspecto muito positivo. Mas ela manteve o desenho institucional de como o governo o Estado devem ser, como devem ser as regras de propriedade. Já na Bolívia e Equador, podemos dizer que há uma refundação do Estado. Está sendo criado outro Estado, com outras regras. No caso da Bolívia, com constituição aprovada mais recentemente, fala-se de um Estado plurinacional e pluriétnico para poder abrigar todas as nações dos povos originários, que tem suas próprias regras, instituições e leis e poder respeitar essa diversidade dentro de um Estado nacional mais amplo, que deve ter uma regra comum para todos.

IHU On-Line - O que significa uma refundação e reestruturação do Estado a partir da ação coletiva?

Silvio Caccia Bava - Significa socializar o poder. Deixe-me dar um exemplo. O Estado brasileiro é vertical, centralista e autoritário. Enquanto

isso não mudar, nada de muito diferente do que vemos irá acontecer. Nossas políticas sociais são políticas de saúde, educação, assistência social que se organizam desde o nível federal até o município, sem se integrar com outras políticas. Penso que deveria ser o contrário. Deveríamos ter uma gestão pública descentralizada, através da qual em cada território específico o gestor poderia trabalhar com políticas sociais de forma integrada para responder as particularidades desse local. Isso não ocorre hoje. Então, digo que a questão das mudanças tem seus limites conforme são as forças sociais em cada país. Aqui, temos um capitalismo muito forte, uma presença de corporações internacionais muito forte. Isso é expresso no Congresso. O agronegócio tem um terço do Congresso brasileiro. Para um governo que precisa do Congresso para governar, como é que irá acontecer uma reforma agrária se um terço do Congresso é contra essa medida? A composição desse um terço tem a ver com a distribuição do número de parlamentares por Estado. Temos aí uma herança que favorece o coronelismo do Nordeste, que se reflete hoje nesses problemas de imobilismo na transformação social.

BAÚ DA IHU ON-LINE

>> Sobre o tema de capa desta semana, a IHU On-Line já produziu outras edições. O material está disponível na página eletrônica www.unisinos.br/ihu.

* *Jesuítas e a América Latina*. Edição número 25, de 08-08-2002; Disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1161372103.51.pdf>.

* *América Latina: um giro à esquerda?* Edição número 176, de 17-04-2006; Disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158346156.42.pdf>.

* *América Latina e o pós-neoliberalismo*. Edição número 180, de 15-05-2006; Disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158345502.16.pdf>.

* *América Latina em movimento. Algumas notas*. Edição número 213, de 26-03-2007; Disponível no link http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?id_edicao=233.

* *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*. Edição número 224, de 20-06-2007. Disponível no link http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?id_edicao=250.

Venezuela e o bolivarianismo. A busca de um modelo socialista

Para o pesquisador Adrián Padilla, a Venezuela vive um período de transformações sociais, em busca do socialismo

POR PATRICIA FACHIN WOLFART | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

“O bolivarianismo é o cimento da cultura nacional e da integração latino-americana”, defende Adrián Padilla, pesquisador venezuelano, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. A explicação que vem em seguida é enfática: o bolivarianismo “retoma o fio de nosso acontecer coletivo e recupera a visão histórica de nosso povo, dando-lhe a percepção de um contínuo que enlaça o passado, o presente e o porvir”.

Na entrevista que segue, ele diz que a Venezuela está “no centro da atenção dos povos da América Latina e na mira do olho imperialista”. Sobre as possibilidades entre Venezuela e os EUA, Padilla acredita ser difícil assistir a uma conciliação de fundo entre os países, já que Obama “representa a principal potência econômico-político-militar do capitalismo global, e Chávez é a figura visível de uma proposta político-econômica e sociocultural que pretende libertar-se do poder hegemônico dos Estados Unidos”.

Entretanto, assegura, “corresponde aos movimentos populares e revolucionários desempenhar um papel fundamental na construção de uma nova democracia”. Defensor da proposta integracionista de Hugo Chávez, Padilla diz que a criação de uma moeda regional latino-americana pode gerar “maiores possibilidades para a economia e obter elementos comuns que permitam que as transferências comerciais se façam de maneira direta, sem ter de passar pela área do dólar”.

Adrián Padilla Fernández é jornalista, formado pela Universidade Central da Venezuela, além de mestre e doutor em Ciências da Comunicação, pela Universidade de São Paulo (USP). Ele é professor do Curso de Comunicação Social da Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez, de Caracas, Venezuela. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a atual situação política e econômica da Venezuela?

Adrián Padilla Fernández - O governo bolivariano – na última década – incrementou significativamente o gasto social, tanto em saúde como em alimentação e educação. Também se ampliou enormemente o acesso aos alimentos subsidiados, desenvolvendo redes públicas de distribuição, como Mercal e a Produção e Distribuição Venezuelana de Alimentos (PDVAL). Além disso, estimulou-se a produção agrícola com a

organização e apoio aos produtores do campo (fundamentalmente aos camponeses) e desenvolvimento de empresas estatais agroindustriais.

Por outra parte, cabe destacar que o índice de pobreza diminuiu rapidamente, passando do valor pico de 55,1% em 2003 a estimativas, para 2009, de 26% de pobreza e 7% de pobreza extrema. As condições de vida da população pobre melhoraram, portanto, significativamente, mais do que aquilo que indica a redução substancial da pobreza, refletida no índice oficial, que mede somente os

ingressos monetários efetivos. Também caiu substancialmente o índice de desemprego, que desceu aos 8,3% em junho de 2007, o nível mais baixo em mais de uma década, comparado com 15% em junho de 1999 e com 18,4% em junho de 2003 (na saída da recessão).

O governo bolivariano manejou a indústria petrolífera — a principal fonte de riqueza do país —, ao recuperar o controle de uma zona estratégica conhecida como a “faixa do Orenoco”, a qual é considerada uma das reservas petrolíferas mais importantes do mundo. Os recursos provenientes da exploração petrolífera são destinados ao impulso das políticas sociais e para diversificar a economia com o desenvolvimento da agroindústria, o gado e a pesca, como parte de uma estratégia chamada a “semente petroleira”.

Poderíamos dizer que a situação econômica da Venezuela é de crescimento e desenvolvimento. Este último entendido como um desenvolvimento endógeno que busca a sustentabilidade e a soberania nacional.

Transformações políticas

Do ponto de vista político, vive-se na Venezuela um momento muito significativo, caracterizado pelo que poderíamos chamar a socialização da política. Quer dizer, o político já é assunto não só dos “políticos profissionais”, mas um fato coletivo assumido pelo conjunto da sociedade. Porque, quando a comunicação direta vai além de qualquer tecnologia; quando a discussão política, com claro sentido de classe, toma a esquina, a rua, o bairro; quando a sintonia com uma liderança autêntica é ponto de partida para mobilizações e articulações entre os mais pobres, entre os eternamente excluídos, temos de chegar à conclusão de que aqui se passa algo na perspectiva dos processos das transformações sociais.

Claro que, para analisar, estudar e explicar estes fenômenos sociopolíticos que abrem as portas do século XXI, não podemos nos iludir sobre a complexidade que os envolve. Quer dizer que nossa leitura deve ser multidimensional, lançando o olhar a estes processos a partir de diferentes ângulos e planos, sem esquecer sua natureza dinâmica.

IHU On-Line - Como caracteriza o processo bolivariano?

Adrián Padilla Fernández - Uma das características mais singulares do processo bolivariano é que ele tem se consolidado e avançado em meio das regras do jogo, estabelecidas nas dimensões jurídicas do Estado Moderno e de seu modelo democrático-liberal. Isso apesar de ter surgido de uma iniciativa rebelde (Levante militar de 4 de fevereiro de 1992)¹ e de um clamor popular (explosão social de 27 de fevereiro de 1989).² Este traço impõe intensas lutas no plano formal, que começaram com a Assembléia Constituinte de 1999 e seu parto da Constituição da República Bolivariana da Venezuela, e logo o referendo revocatório de 2004 — o qual se consolidou com a liderança de Hugo Chávez³ —, depois o referendo da reforma constitucional de 2007 — onde foi derrotado o projeto bolivariano — e o último *referendum* da emenda aos 15 de fevereiro de 2009,⁴ no qual a vitória boli-

1 O levante militar de 1992 foi comandado por Chávez contra o governo do ex-presidente Carlos Andrés Pérez. (Nota da IHU On-Line)

2 A explosão social ocorreu na Venezuela, em repúdio ao pacote de medidas econômicas neoliberais imposto pelo governo de Carlos Andrés Pérez. (Nota da IHU On-Line)

3 **Hugo Rafael Chávez Frias** (1954): é o 53º e atual presidente da Venezuela. Chávez ingressou na Academia Militar da Venezuela, graduando-se, em 1975, em Ciências e Artes Militares, ramo de Engenharia. Prosseguiu na carreira militar, atingido o posto de tenente-coronel. No dia 4 de Fevereiro de 1992, comandando cerca de 300 efetivos, Chávez protagonizou um golpe de Estado contra o presidente Carlos Andrés Pérez, da Acción Democrática. Embora fracassada, a tentativa de golpe serviu para catapultar Hugo Chávez ao cenário nacional, depois de amargar dois anos de cadeia. Após o fim do mandato de Carlos Andrés Pérez, graças a uma anistia do novo presidente, Rafael Caldera Rodríguez, Chávez abandona a vida militar e passa a se dedicar à política. Em 1997, fundou o Movimiento V República (MVR) e, nas eleições presidenciais de 6 de Dezembro de 1998, apoiado por uma coligação de esquerda e centro-esquerda — o Polo Patriótico — organizada em torno do MVR, Chávez foi eleito com 56% dos votos. Assumiu a presidência da Venezuela em 1999, para um mandato inicialmente previsto de cinco anos. Ao tomar posse, decretou a realização de um referendo sobre a convocação de uma nova Assembleia Constituinte. Em 25 de abril de 1999, atendendo ao plebiscito, 70% dos venezuelanos manifestam-se favoráveis à instalação da Constituinte. Em razão da nova ordem constitucional, foram realizadas novas eleições presidenciais e legislativas em 30 de Julho de 2000, nas quais Chávez foi reeleito presidente da República, com 59,7% dos votos e o Polo Patriótico conquistou a maioria dos lugares na Assembleia Nacional. (Nota da IHU On-Line)

4 As Notícias do Dia do sítio do IHU repercu-

variana pode ser tomada como um aprofundamento do processo revolucionário.

Por sua parte, os setores que se opõem ao governo bolivariano não acabam articulando nenhuma proposta que tenha a força de contrapor-se à proposta socialista. Até agora, sua força se expressa ao nível dos meios de comunicação, que atuam como verdadeiros partidos políticos.

IHU On-Line - Quais são as políticas sociais do governo Chávez?

Adrián Padilla Fernández - Para atender as urgências sociais marcadas fundamentalmente pela exclusão em áreas como a saúde, a educação e a habitação, entre outras, o governo de Hugo Chávez iniciou em 2003 as Missões Sociais⁵ inspiradas no dever de propor mudanças, romper velhos esquemas do aparato de Estado que impedem avançar e eliminar definitivamente estruturas que foram criadas para um determinado modelo que não se compagina com a visão socialista da Venezuela do século XXI.

As missões foram criadas no marco da crise econômica produzida pela sabotagem petroleira (uma ação da oposição que pretendeu paralisar a indústria petrolífera). Seu desencadeamento foi possível graças ao resgate dos recursos petrolíferos; assim como ao compromisso imediato das maiorias excluídas de assumirem o protagonismo na transformação de suas vidas e da sociedade venezuelana em seu conjunto. Trata-se de um modelo revolucionário de políticas públicas, que conjuga a agilização dos

tiram o tema. No endereço www.unisinos.br/ihu, podem ser conferidas entrevistas sobre a Venezuela e o resultado do referendo. (Nota da IHU On-Line)

5 As missões sociais criadas e implementadas por Hugo Chávez a partir de 2003 são estratégias de governo que visam à inclusão mais ampla de grandes contingentes populacionais. Estão vinculadas diretamente ao executivo federal como estratégia para se “esquivar” da ineficiente burocracia estatal. Foram criadas com o objetivo de consolidar a democracia social participativa. Estas políticas revolucionárias se orientam para saldar a enorme dívida social que arrasta a nação ao longo de décadas de esbanjamento e exclusão social, e a construir um novo Estado social. Seu propósito fundamental é enfrentar as causas e as consequências da pobreza e da exclusão com a participação protagônica do povo. Sobre as missões sociais, leia as Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), em que foram amplamente noticiadas por atender, inclusive, brasileiros pobres do Nordeste. (Nota da IHU On-Line)

processos estatais com a participação direta do povo em sua gestão. Sua execução é possível graças ao original desdobramento das instituições do Estado até os lugares mais recônditos, por meio da participação direta das comunidades populares e excluídas.

As missões representam o maior esforço público que tenha conhecido a Nação para enfrentar co-responsavelmente as necessidades do povo venezuelano, como meio para garantir sua plena incorporação no desenvolvimento local e nacional.

Um agudo contraste encontramos na área da atenção à saúde, na qual em 1998 havia 1.628 médicos exercendo a atenção primária de uma população de 23,4 milhões de pessoas e hoje há mais de 20 mil médicos para uma população de 27 milhões. Esta missão é conhecida como Bairro Adentro, de assistência médica em vários níveis com seus estudos e medicamentos ao povo.

IHU On-Line - Qual é o conteúdo ideológico de Chávez? Em que sentido isso repercute em seu governo?

Adrián Padilla Fernández - O presidente Hugo Chávez propôs o socialismo como a via de desenvolvimento da revolução bolivariana. Esta proposta obriga necessariamente a um debate nacional sobre que tipo de socialismo se quer para a Venezuela, debate que deve considerar, necessariamente, o exame crítico da experiência socialista mundial. A construção do socialismo é um processo cultivado por longo tempo e nas condições da Revolução Bolivariana implica a convivência por tempo prolongado com o capitalismo, e a competição com ele. A garantia da vitória estará dada na medida em que se forjem a consciência socialista do povo, o caráter socialista do Estado e a capacidade da economia socialista de satisfazer as necessidades materiais e espirituais da população.

A ideologia da Revolução – que superou a prova da prática – seguirá sendo, é claro, o bolivarianismo: ele é o cimento da cultura nacional e da integração latino-americana; retoma o fio de nosso acontecer coletivo e recupera a visão histórica de nosso povo, dando-lhe a percepção de um contínuo que enlaça o passado, o presente e o porvir; enriquece-

ceu-se e se enriquece constantemente com as ideias de redenção que surgiram e vão surgindo do pensamento venezuelano, latino-americano e universal, incluindo como sustentos fundamentais as concepções vivas e necessárias do marxismo crítico e as concepções profundamente humanas do cristianismo originário, expressas em nosso continente na experiência da Teologia da Libertação.

A ação do governo se expressa como rumo, como referente, até onde seja preciso orientar o desenvolvimento das políticas públicas, já que não é nada fá-

**“Os recursos
provenientes da
exploração
petrolífera são
destinados ao impulso
das políticas sociais e
para diversificar a
economia com o
desenvolvimento da
agroindústria, o gado e
a pesca, como parte de
uma estratégia chamada
a ‘semente petroleira’”**

cil implementar o socialismo a partir de uma estrutura estatal que foi concebida para responder a outro modelo. Uma das dimensões centrais é cultural, já que se requerem socialistas para impulsionar e desenvolver o socialismo e isso supõe uma luta frontal para desmontar o pensamento hegemônico capitalista, muito presente nas instâncias governamentais.

IHU On-Line - Quais são as perspectivas de reeleições gerais na Venezuela? Chávez tem força para se reeleger?

Adrián Padilla Fernández - Após os re-

sultados do referendo da emenda constitucional do dia 15 de fevereiro deste ano, a postulação indefinida de uma pessoa como candidato aos cargos de eleição popular é um fato legal e, por conseguinte, o presidente Chávez e todos que ocupem esses cargos têm o direito de se postular nos comícios de 2012.

Neste ponto, se apoiam os setores de oposição para desatar suas campanhas midiáticas, afirmando que o presidente Chávez é um ditador ou um “caudilho populista” que quer “perpetuar-se” no poder. Não obstante, para entendê-lo, é necessário ver a experiência da revolução bolivariana como um processo complexo no qual os setores historicamente excluídos se incorporaram ativamente numa democracia participativa e protagonizante que os reivindica e dignifica na medida em que criam uma nova ordem social. Este processo, que é coletivo, tem nestes momentos uma liderança clara e indiscutível representada por Hugo Chávez.

IHU On-Line - O que podemos esperar a partir desse processo?

Adrián Padilla Fernández - Passaram-se duas décadas desde a chegada de Chávez ao poder através de eleições, dando início, com isso, a uma fase importante das lutas do povo venezuelano. O presidente o chama de terceiro ciclo ou fase da revolução bolivariana. Estamos hoje no centro da atenção dos povos da América Latina e na mira do olho imperialista. O compromisso que nos impõe a história é do tamanho das utopias que construímos em nossas centenárias lutas de resistências. Com efeito, em nosso continente corresponde aos movimentos populares e revolucionários desempenhar um papel fundamental na construção de uma nova democracia. Trata-se da estruturação de um tipo de sistema político que rompa com os limites que o capitalismo internacional impõe aos países latino-americanos, de caráter social, que combine desenvolvimento econômico e integração social, que promova a extensão da democracia política a todos os rincões da sociedade.

Imaginamos que continuará sendo um processo de confrontação porque os interesses que estão em jogo são vitais. Estaríamos em presença de uma

reconfiguração do Bloco Histórico – no sentido de Gramsci⁶ – e esse processo supõe intensas lutas entre setores que se negam a perder seus privilégios e outros – cada vez mais majoritários –, que vão tomando consciência de seus direitos que tem raízes ancestrais.

IHU On-Line - Como interpreta as propostas de integração de Chávez: Banco do Sul, Gasoduto do Sul, Petrosul? O que motiva Chávez em sua proposta integracionista?

Adrián Padilla Fernández - Esta nova proposta de integração foi apresentada publicamente pelo presidente Hugo Chávez por ocasião da III Cúpula de Chefes de Estado e de Governo da Associação de Estados do Caribe, celebrada na ilha de Margarita em dezembro de 2001. Traçam-se aí os princípios orientadores de uma integração latino-americana e caribenha, baseada na justiça e na solidariedade entre os povos. Tal como o anuncia seu nome, a Alba⁷ pretende ser um novo amanhecer. Ela se fundamenta na criação de mecanismos para criar vantagens cooperativas entre as nações que permitam compensar as assimetrias existentes entre os países do hemisfério. Também se baseia na criação de Fundos Compensatórios para corrigir as disparidades que colocam em desvantagem as nações débeis frente às principais potências;

⁶ Sobre o tema, confira a edição especial número 231, de 13-08-2007, intitulada *Gramsci, 70 anos depois*. O material está disponível na página eletrônica do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

⁷ Alba (Alternativa Bolivariana para as Américas): é um modelo de integração para os povos da América Latina e Caribe. Contrapõe-se à Área de Livre Comércio das Américas (Alca), proposta de um mercado comum americano defendido pelos Estados Unidos, pois tem um modelo socialista contrário ao modelo de livre mercado da Alca. Sua principal diferença em relação a outros blocos econômicos é que visa não somente à eliminação de taxas alfandegárias para incentivar o comércio, mas tem como objetivo principal a diminuição do contraste social existente na América Latina, criando maior interação dentro do continente. Uma de suas propostas é a criação de fundos de apoio, para reduzir miséria e exclusão social, tão presentes nestes países. A Alba atualmente é composta pela Venezuela, Cuba, Bolívia, Nicarágua, Dominica e Honduras, com a possibilidade de entrada do Equador e São Vicente e Granadinas. O sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), ao qual pertence também a revista IHU On-Line, pode ser consultado como fonte para ampliar as informações sobre a Alba. (Nota da IHU On-Line)

outorga prioridade à integração latino-americana e à negociação em blocos supra-regionais, buscando identificar não só espaços de interesse comercial, mas também fortalezas e debilidades para construir alianças sociais e culturais.

A noção neoliberal de acesso aos mercados se limita a propor medidas para reduzir as taxas e eliminar as travas ao comércio e à inversão. Assim entendido, o livre comércio só beneficia os países de maior índice de industrialização e desenvolvimento, e não a todos, senão aos seus grandes empresários. Na América Latina, poderão crescer as inversões e as exportações. No entanto, estas se

“Poderíamos dizer que a situação econômica da Venezuela é de crescimento e desenvolvimento. Este último entendido como um desenvolvimento endógeno que busca a sustentabilidade e a soberania nacional”

baseiam na indústria maquiladora e na exploração extensiva da força de trabalho, não havendo lugar a dúvidas de que não poderão gerar o efeito multiplicador sobre todos os grupos sociais; não terão um efeito multiplicador nos setores agrícola e industrial, muito menos se poderão gerar empregos de qualidade para derrotar a pobreza e a exclusão social. Por isso, a proposta alternativa da Alba, baseada na solidariedade, trata de ajudar os países mais débeis e de superar as desvantagens que os separa dos países mais poderosos do hemisfério, buscando corrigir essas assimetrias. Com estas características, um processo de integração hemisférica serve realmente as grandes majorias sempre excluídas.

IHU On-Line - Como percebe a proposta de criar uma moeda própria da América Latina? Isso pode ajudar na integração do continente?

Adrián Padilla Fernández - A utilização de moedas locais para o pagamento das operações de comércio exterior entre a Argentina e o Brasil já é um fato. O Sistema Unitário de Compensação Regional (Sucre), proposta que se discute no seio dos países da Alba, mais o Equador, significa a criação de uma zona monetária, uma Câmara de Compensação de Pagamentos, um fundo de estabilização e de reservas com aportes dos países membros, com o fim de financiar políticas expansivas de demanda para enfrentar a crise e sustentar uma política de inversões para o desenvolvimento de atividades econômicas complementares.

A criação de uma moeda regional latino-americana gera maiores possibilidades para a economia obter elementos comuns que permitam que as transferências comerciais se façam de maneira direta, sem ter que passar pela área do dólar.

IHU On-Line - Quais são as potencialidades e limites da Venezuela no enfrentamento da crise internacional?

Adrián Padilla Fernández - Por um lado, os limites estão dados pelo fato de ser parte da própria estrutura do mercado capitalista que, com suas lógicas e dinâmicas, afeta o desenvolvimento interno dos países. Na Venezuela, embora se façam grandes esforços para diversificar a economia e fortalecer áreas estratégicas nas quais não se é auto-suficiente, resta muito caminho a andar. Isso dá uma importante margem de ação a quem se opõe ao projeto de país que se está desenvolvendo para obstaculizá-lo e, ao mesmo tempo, consolidar o modelo tradicional que ainda está vigente, “convivendo” com a proposta de economia social.

Por outro lado, a grande fortaleza da Venezuela continua sendo sua condição de país petrolífero. Aí se destacam projeções como a seguinte: entre 2009 e 2013, a Venezuela executará um plano de inversão que ronda os US\$ 225 bilhões, dos quais 125 bilhões correspondem a 88 projetos petrolí-

feros que serão executados pela estatal venezuelana PDVSA. Dentro do plano de inversões na Faixa do Orenoco, se prevêem US\$ 45 bilhões em projetos, com a construção da refinaria de Cabruta⁸ e dois complexos de processamento de óleo cru extra-pesado – inversão próxima dos US\$ 22 bilhões.

IHU On-Line - Como percebe a relação do governo venezuelano com Obama? Interessa ao país estabelecer relações com os Estados Unidos? Que possibilidades e limites se abrem nesse sentido?

Adrián Padilla Fernández - É preciso ver as relações entre os governos da Venezuela e os Estados Unidos nas múltiplas dimensões que abrangem (diplomática, econômico-comercial, político-ideológica, cultural), que não se reduzem aos líderes que estão à frente de seus governos, mas também aos projetos que eles representam. Por isso, resulta difícil ver uma conciliação de fundo entre Obama, que representa a principal potência econômico-político-militar do capitalismo global, e Chávez, que é a figura visível de uma proposta político-econômica e sociocultural que pretende libertar-se do poder hegemônico dos Estados Unidos.

O presidente Obama contou com o apoio das grandes corporações de seu país na campanha eleitoral, que já comecem a pressionar através dos meios de comunicação por seu tom “conciliador” com Chávez. O presidente venezuelano, por sua parte, vem aprofundando cada dia mais seu compromisso com um projeto de sociedade que já adquire caráter internacional. Apesar de ser muito otimista em geral, neste caso não me faço muitas ilusões.

LEIA MAIS...

>> Padilla já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Ela está disponível no sítio do IHU. Entrevista:

* *A reconstrução de um país: a realidade contemporânea da Venezuela*. Publicada nas Notícias do Dia, em 25-08-2007, e disponível no link http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=9130.

⁸ A região de Cabruta fica localizada no estado de Orinoco, na Venezuela e tem como objetivo o beneficiamento de petróleo nesta região, de onde se pretende extrair 400 mil barris/dia. (Nota da IHU On-Line)

América Latina: em busca de uma nova integração?

Para o economista colombiano, Héctor-León Moncayo, a busca pela autonomia entre os países latino-americanos não implica num nacionalismo que seja inimigo da integração latino-americana

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

Depois de acumular bons resultados econômicos entre 2002 e 2007, a América Latina enfrentará uma situação mais ponderada neste ano. A avaliação é do economista colombiano Héctor-León Moncayo. Em entrevista concedida por e-mail, com exclusividade à IHU On-Line, o autor do livro *Nem um, nem outro. Integração e desenvolvimento na América Latina* (Rio de Janeiro: Integratemas, 2008) afirma que nesse momento de crise os ingressos externos tendem a diminuir. “Nessa medida, a Bolívia, que recuperou sua participação na renda do gás, tem melhores possibilidades de evitar a situação, mesmo que sua condição de extrema debilidade econômica faça com que o risco se mantenha”, avalia. No que se refere à Venezuela, os impactos irão ocorrer “especialmente em sua política social, por essa redução dos ingressos externos, mesmo que o petróleo nunca irá deixar de ser um bom produto de exportação”, considera.

Diante da crise internacional, o pesquisador do Instituto Latino-Americano de Serviços Legais Alternativos (ILSA) diz ainda que a proposta de integração no continente seria interessante, mas, por outro lado, a integração “não pode avançar seriamente se não for demarcada em uma iniciativa de conjunto”, explica. Para ele, a melhor proposta consiste em “avançar em projetos sub-regionais no lugar de forçar uma resposta sul-americana que ainda conta com muitos obstáculos”. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como descreve o atual governo colombiano? Quais são os pontos fortes e fracos de Álvaro Uribe?¹

¹ Álvaro Uribe Vélez (1952): advogado e político colombiano. É o quinquagésimo sexto presidente da Colômbia, desde 7 de agosto de 2002. Começou sua vida pública bem cedo, já que em 1976 foi chefe de Bens das Empresas Públicas de Medellín. De 1977 a 1978, foi secretário-geral do Ministério do Trabalho, e entre 1980 e 1982 foi diretor da Aeronáutica Civil. Foi prefeito de Medellín em 1982, e vereador dessa cidade entre 1984 e 1986. Foi senador da República nos períodos 1986-1990 e 1990-1994. Foi eleito governador do departamento de Antioquia para o período 1995-1997. Uribe foi eleito presidente de Colômbia para o período 2002-2006, com 53% do total de votos, uma grande vantagem sobre o seu principal concorrente,

Héctor-León Moncayo - Muitos analistas definiram a Colômbia como um regime autoritário de forte acento personalista, muito ligado à política imperial dos Estados Unidos (vamos ver se com Obama haverá uma mudança). Essas características Horacio Serpa. Ele é o primeiro presidente a ganhar as eleições em primeiro turno desde que se instaurou a medida na Constituição de 1991. Em 2005, aproveitando os grandes índices de popularidade de seu governo, conseguiu obter na Corte Constitucional decisão favorável à mudança na Constituição que lhe permitisse disputar a reeleição em 2006. Uribe manteve uma margem de popularidade acima dos 95%, com iguais margens de aprovação de sua gestão, segundo enquetes, dada sua política de segurança contra as FARC. (Nota da IHU On-Line)

terísticas tomam cada vez mais força com sua intenção do presidente se candidatar a uma segunda reeleição. Ele levou ao extremo o caráter presidencialista tradicional da Constituição Colombiana. Com Uribe, desapareceu completamente a separação e independência dos poderes públicos. Ele controla de maneira absoluta o Congresso. Com a reeleição, em 2006, ele teve em suas mãos a possibilidade de nomear as altas cortes, a promotoria geral da nação e a procuradoria (ministério público). Além disso, manteve uma política de maus tratos e ameaça permanente contra o poder judicial. Em geral, aplicou uma política repressiva formal e informal, já que a ação de grupos paramilitares não desapareceu. Resta dizer que ele se apoia substancialmente nas forças armadas e controla os grandes meios de comunicação. É um controle consentido por parte dos grupos econômicos proprietários desses meios.

No entanto, o singular é que ele conta com o apoio de uma parte importante da população, por isso alguns o qualificam de fascismo, o que, a meu ver, também não é exato. Uma analogia melhor com esse governo seria a do governo de Fujimori, no Peru. A debilidade consiste em que ele já esgotou sua capacidade ideológica e política. A mudança na situação econômica que o favoreceu durante sete anos o coloca agora em graves problemas. Uma parte da cúpula do poder econômico já começa a abandoná-lo. Talvez, o governo dos Estados Unidos deixe de apoiá-lo, e importantes movimentos sociais tomam cada vez mais força.

IHU On-Line - A Colômbia registrou mais de 2500 assassinatos de sindicalistas nos últimos 23 anos. Qual é, para o senhor, o objetivo dessas agressões? Como está a atual relação de sindicalistas com o governo de Álvaro Uribe?

Héctor-León Moncayo - Na Colômbia, durante quase 30 anos se liquidou, por vias violentas, a maioria das organizações sociais e de oposição política. Uribe não é, então, o começo, mas sim a culminação dessa operação que sempre utilizou como pretexto a existência de um conflito armado. Por

sorte, os movimentos sociais não desapareceram, especialmente nas áreas urbanas. O sindicalismo foi debilitado (também pelas políticas trabalhistas, pela redução do Estado e pela desindustrialização), mas se mantém em sua totalidade (três confederações) em oposição ao governo. É por isso que os dirigentes sindicais continuam sendo vítimas de agressões, particularmente entre os professores e em setores de exploração de recursos naturais por parte de multinacionais.

IHU On-Line - Como a luta indígena se manifesta no continente? Em que sentido os indígenas ganham força política nas reivindicações sociais em países como Bolívia e Colômbia?
Héctor-León Moncayo - É evidente que, entre todos os movimentos sociais do continente, especialmente na faixa

“Evo Morales conseguiu sair triunfante nas últimas provas eleitorais não só pelo resultado nos votos, mas também porque conseguiu desarmar politicamente a oposição”

occidental desde o México até a Patagônia, o mais importante dos últimos tempos é o indígena. Não só por sua presença cada vez maior, mas também porque está propondo um desafio em termos de civilização. Postulam uma relação diferente com a natureza e entre os seres humanos, substituindo o ânimo do lucro e da competição pela harmonia e a solidariedade. Hoje, esse desafio se coloca na ordem do dia, dada a crise mundial. Seu avanço é desigual. Chegam ao governo na Bolívia (ainda que não exclusivamente), são atores principais nas transformações do Equador e têm cada vez maior peso no Peru e na Colômbia.

Além disso, sente-se sua presença em outros países. No entanto, segue sem definição um problema fundamental, que é a relação entre os movimentos sociais e a política no sentido convencional do termo (partidos, eleições etc.). Podem fazer valer algumas de suas reivindicações na prática cotidiana e por meio de alguns governos, mas não conseguem consolidar uma proposta de transformação de conjunto, nem contam com ferramentas políticas verdadeiramente adequadas. Os indígenas não chegaram à demanda de Estados Plurinacionais, mas estão apenas começando.

IHU On-Line - Quais as diferentes potencialidades e limites de países distintos como Colômbia, Bolívia e Venezuela no enfrentamento da crise internacional?

Héctor-León Moncayo - O período que vai de 2002 a 2007 foi, em geral, de bons resultados econômicos para todos os países da América Latina. Em alguns deles, como a Bolívia e a Venezuela, teve a ver com as correções que foram feitas no modelo neoliberal. Na Colômbia, obviamente, esse modelo se aprofundou. Mas deve-se reconhecer também que se deveu aos altos preços da maioria dos produtos básicos destinados à exportação. Nesse momento de crise, a situação é oposta, e, obviamente, os ingressos externos tendem a diminuir. Nessa medida, a Bolívia, que recuperou sua participação na renda do gás, tem melhores possibilidades de evitar a situação, mesmo que sua condição de extrema debilidade econômica faça com que o risco se mantenha. A Venezuela se verá afetada, especialmente em sua política social, por essa redução dos ingressos externos, mesmo que o petróleo nunca irá deixar de ser um bom produto de exportação. Claro está que depende muito dele. Tudo irá depender da capacidade que o governo tenha para avançar na transformação de seu aparato produtivo.

Igualmente, as correntes de investimento estrangeiro e de créditos externos vão se reduzir. Nessa medida, a Colômbia é muito mais vulnerável, sobretudo porque o crescimento econômico precedente pode ser atribuído

às finanças, ao comércio, aos serviços e à construção, e não aos setores industrial e agropecuário. Até agora, o governo não propôs uma política consistente para enfrentar a crise, salvo a busca de créditos.

IHU On-Line - Como o senhor caracteriza a situação política e econômica da Bolívia atualmente? O que muda no país a partir da nova Constituição Federal?

Héctor-León Moncayo - O traço dominante da situação boliviana continua sendo o político. Como se sabe, Evo Morales² conseguiu sair triunfante nas últimas provas eleitorais não só pelo resultado nos votos, mas também porque conseguiu desarmar politicamente a oposição. Ao mesmo tempo, suas gestões diante da comunidade internacional, especialmente a sul-americana, permitiram-lhe neutralizar qualquer aventura militar dessa oposição. No momento, em consequência, é improvável que ocorra a temida secessão dos departamentos da meia lua (Santa Cruz, Pando, Tarija e Beni). No entanto, é nesses departamentos em que se encontra a base econômica da exportação, o gás, e não pode se desprezar a capacidade de sabotagem das elites opositoras. Adicionalmente, é nessas regiões onde a resistência dos detentores de terras tende a impedir o avanço da Reforma Agrária. Significa, então, que o problema da governabilidade continua, que estaria associado com a possibilidade real de aprofundar a reforma econômica que lhe permitiria reorientar a atividade para o mercado interno. Nessas condições, a nova Constituição, mesmo que coloque o país sobre novas suposições filosóficas e políticas, terá dificuldades para ser aplicada completamente. Cabe anotar que, de todas as maneiras, essa Constituição, que inclui uma nova noção de direitos, incluídos os da natureza

² Juan Evo Morales Ayma (1959): atual presidente da Bolívia. Eleito nas eleições presidenciais de dezembro de 2005, obteve 53,74% dos votos. Pela primeira vez na Bolívia um indígena sobre ao poder mediante voto popular. Leia as análises que as *Notícias do Dia* do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) publicaram sobre o governo Evo Morales, especialmente as *Entrevistas do Dia*. (Nota da IHU On-Line)

e da presença do sujeito político indígena, entre outras novidades (aparte da ruptura com o neoliberalismo), representa não apenas uma mudança para a Bolívia, mas também um precedente fundamental para a América Latina, um marco definitivo na história do nosso constitucionalismo.

IHU On-Line - Qual é o significado político da possível reeleição de Morales? Ele tem chances de se reeleger? Quais são as expectativas nesse sentido?

Héctor-León Moncayo - O tema das reeleições é de aguda controvérsia – também na Colômbia, Uribe pretende um terceiro mandato. Do ponto de vista filosófico, na tradição democrática

“A tentativa de Chávez com a Alba, muito bem complementada com o enfoque de Evo Morales dos tratados de cooperação (ou comércio) entre os povos, localiza-se na direção correta”

liberal e também no sentido comum, é correto afirmar que a reeleição do primeiro mandatário, em qualquer país, sempre constitui um risco para a democracia (especialmente quando se admite mais de uma vez). Sobre tudo quando os regimes são presidencialistas e não existem verdadeiras instâncias de contrapeso. No entanto, é necessário ter em conta os processos sociais e políticos que estão por detrás das reeleições. Na Bolívia, por exemplo, existe um forte movimento social (indígena e campesino) que se converteu na verdadeira espinha dorsal do poder e opera como uma instância de acerto de contas. É por isso que Evo Morales mesmo indicou

que não está pensando na reeleição como algo indispensável. Claro está que, na prática, o próprio movimento social vem propondo que a reeleição do presidente é a melhor garantia da continuidade do processo. E é possível que ele consiga isso, mesmo que fosse uma nova prova eleitoral, outra mais, muito mais difícil de ultrapassar. E talvez não seria conveniente assumir o risco. Por outro lado, o processo precisa ainda acumular uma base social mais ampla, de setores urbanos (empregados e trabalhadores sindicalizados, intelectuais e estudantes) e habitantes de província, pela qual se poderia pensar que é melhor construir um novo pacto político. É preciso ter em conta, além disso, que o sustento partidário convencional (o MAS [Movimento ao Socialismo])³ não é muito sólido nem ideológica nem organizativamente.

IHU On-Line - E no que se refere à reeleição na Venezuela?

Héctor-León Moncayo - O caso da Venezuela é diferente e quase oposto. Não há movimento social organizado atrás da figura do dirigente, nem um movimento partidário sério. O apoio reside em massas empobrecidas e desorganizadas, apesar das tentativas do Estado de organizá-las. Nos últimos anos, não só não afastou o perigo da oposição, mas também permitiu o deslizamento de camadas importantes da população para o desencanto ou a oposição. Tudo isso pode ser facilmente apreciado nos recentes resultados eleitorais, incluindo a derrota do governo no referendo. Nessas circunstâncias, a prova da reeleição pode se tornar um ato falido. Pode significar uma interrupção do processo e inclusive uma volta atrás no caso de a direita triunfar. Seria melhor e urgente uma reconstrução do pacto político que deu sustento à proposta bolivariana. Por sorte, a oposição não tem nenhuma oferta crível.

IHU On-Line - É correto afirmar que

³ MAS (Movimento ao Socialismo): partido boliviano de esquerda, constituído por movimentos sociais, o MAS foi fundado pelo atual presidente da Bolívia, Evo Morales. (Nota da IHU On-Line)

se assiste na América Latina a uma retomada das teses nacionalistas. É possível uma integração entre economias tão desiguais?

Héctor-León Moncayo - Em certo sentido, pode-se falar de uma ascensão do nacionalismo na América Latina. Eu diria que se trata de regresso só nos países onde os movimentos nacionais populares tiveram mais força, o que exclui países como Venezuela e, obviamente, a Colômbia. Ou melhor, se poderia dizer que é um esforço para alcançar uma autonomia frente aos Estados Unidos, talvez seja mesmo o único que identifique os chamados “novos” governos ou de esquerda na América Latina, os quais, além disso, são bastante diferentes. E isso graças à presença ativa ou passiva dos movimentos sociais nesses governos. Por isso, o caso do Brasil é excepcional, pois se trata de um país com um capitalismo muito mais sólido, que inclui grandes corporações financeiras, mineiras, energéticas, industriais e agroindustriais com projeção multinacional. Em todo caso, essa busca de autonomia não implica um nacionalismo que, em princípio, seja inimigo da integração latino-americana. Anteriormente, o que impedia uma verdadeira integração também não era o nacionalismo, mas a subordinação das elites que olharam sempre para o Norte no que se chamou de competição entre pobres para acessar esses mercados e obter investimentos estrangeiros. Hoje em dia, o que ocorre é que, mesmo sob os novos governos, mantém-se – por convicção ou por realismo – o essencial do modelo econômico baseado na exportação de produtos básicos. Na CAN,⁴ como se disse antes, a oposição irreconciliável entre as duas linhas já conduziu à sua destruição. No Mercosul, apesar dos esforços dos movimentos sociais, não se conseguiu avançar em aspectos essenciais da integração. Talvez ali se poderia falar de nacionalismo

4 A Comunidade Andina de Nações (em espanhol, Comunidad Andina de Naciones, abreviado CAN) é um bloco econômico sul-americano formado pela Bolívia, Colômbia, Equador e Peru (Venezuela deixou o bloco). O bloco foi chamado Pacto Andino até 1996 e surgiu em 1969 com o Acordo de Cartagena. A cidade-sede da secretaria é Lima, no Peru. (Nota da IHU On-Line)

presente nas contradições entre Argentina e Brasil ou entre eles dois e os “pequenos”, mas mesmo assim se trata, em minha opinião, não de política ou projetos nacionalistas, mas de contradições puramente econômicas, imediatistas, entre grupos de interesse. E a publicizada União de Nações Sul-Americanas (Unasul) tem mais de acordo político institucional do que de integração econômica. Construiu-se sobre a base de respeito à política exterior de cada país, que, nos casos da Colômbia e do Peru, são claramente neoliberais e de “livre comércio”. O pior é que conserva como espinhal dorsal o famoso projeto da Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana (IIRSA)⁵.

“É evidente que, se buscarmos um novo tipo de integração, um dos elementos mais importantes é criar um Banco, um sistema de compensação mútua de pagamentos e uma moeda própria”

IHU On-Line - Como o senhor interpreta as proposta de integração de Chávez: Banco do Sul, Gasoduto do Sul, Petrosul etc. O que motiva Chávez em seu apelo integracionista? A ALBA é viável?

Héctor-León Moncayo - A tentativa de Chávez com a Alba, muito bem complementada com o enfoque de Evo Morales dos tratados de coope-

5 A Iniciativa para a Integração da Infra-estrutura Regional Sul-americana (IIRSA) é um programa conjunto dos governos dos 12 países da América do Sul que visa promover a integração física desses países, através da modernização da infra-estrutura de transporte, energia e telecomunicações, mediante ações conjuntas. Pretende-se assim estimular a integração política, social e econômica sul-americana. (Nota da IHU On-Line)

ração (ou comércio) entre os povos, localiza-se na direção correta. Coloca em primeiro plano os critérios de cooperação, solidariedade e complementariedade. As experiências em saúde e educação com o sustento de Cuba e Venezuela são notáveis. O mesmo vale para a solidariedade em matéria energética que a Venezuela pratica. No entanto, não é uma proposta que pode se sustentar sem que se apresentem mudanças substanciais em cada um dos países, especialmente em seu modelo econômico. Não se pode deixar de lado, como na Unasul, o econômico convencional da integração, isto é, a complementação com objetivos claros assumidos por todos. Na prática, cada governo segue fazendo o que quiser. E já se viu que o que alguns fazem é se aproveitar das ofertas da Venezuela e de Cuba. Cabe a possibilidade, por exemplo, de que recebam petróleo barato para revendê-lo e ficar com a diferença.

IHU On-Line - Quais são as vantagens de criar uma moeda própria para circular na América Latina?

Héctor-León Moncayo - É evidente que, se buscarmos um novo tipo de integração, um dos elementos mais importantes é criar um Banco, um sistema de compensação mútua de pagamentos e uma moeda própria. Curiosamente, não é uma proposta tão extremista. Falou-se dela nos anos 50 e começo dos 60. E agora seria indispensável para uma verdadeira resposta à crise. No entanto, tenho a impressão de que ela não pode avançar seriamente (há objeções e matizes de acordo com os países) se não for demarcada em uma iniciativa de conjunto. Seria preciso discutir se para começar não seria melhor avançar em projetos sub-regionais no lugar de forçar uma resposta sul-americana ou latino-americana que ainda conta com muitos obstáculos. Aqui é preciso levar em consideração outra vez algo que vocês sabem melhor do que eu: a política do governo do Brasil, ou melhor, do grande capital que está por trás, não vai em direção às soluções, mas faz parte do problema.

Um giro à esquerda na América Latina? Se há, só na Bolívia

Para o jornalista uruguaio, Raúl Zibechi, a América Latina só vai crescer após romper com o livre mercado e conseguir autonomia econômica diante dos Estados Unidos

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO E BENNO DISCHINGER

“Este é o momento para avançar em ambas as direções: integração fora das regras neoliberais.” A posição é defendida pelo editor do semanário uruguaio *Brecha*, Raúl Zibechi. Na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, ele destaca a necessidade de o continente alcançar a autonomia econômica e romper com o livre mercado. Se isso não acontecer, enfatiza, “seguiremos sob um modelo em que os mais poderosos exploram os mais fracos”.

O jornalista traça um panorama sobre a atual conjuntura latino-americana e diz que o continente está dividido em três tendências. “Os países do Pacífico, sobretudo Chile, Peru e Colômbia, olham para os Estados Unidos e a Ásia para complementar suas economias com as existentes nessas regiões.” No pólo oposto, continuam estão os países da Alba, “que buscam uma integração por fora do livre mercado e que poderiam ser qualificados de nacionalistas. No meio disso está o Mercosul, o grupo mais importante, que não tem nada de nacionalista, mas está perfeitamente adequado ao modelo de livre mercado e às multinacionais”, explica. Para ele, mudanças significativas na América Latina só irão ocorrer com um impulso brasileiro seguido da Argentina, “já que juntos têm uma massa crítica que pode direcionar a região para outro lugar”, assegura.

Raúl Zibechi também atua como assessor de grupos sociais e é editor de política internacional do Semanário *Brecha*, do Uruguai. De suas obras, destacamos *La mirada horizontal – Movimientos sociales y emancipación* (Montevideo: Edições Nordam, 1999), *Genealogia de la revuelta. Argentina: una sociedad en movimiento* (Montevideo: Edições Nordam, 2003) e *Dispersar el poder. Los movimientos como poderes antiestatales* (Buenos Aires: Edições Tinta Limón, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como define a atual conjuntura uruguaia?

Raúl Zibechi - É o melhor governo¹ em muito tempo, pelo menos desde a década de 1960. É um governo em que não há corrupção, além disso, fez-se uma reforma na área da saúde, o que melhorou a atenção aos mais pobres. O atual governo também concedeu planos sociais e transferências monetárias às pessoas abaixo da linha da pobreza, estabeleceu mecanismos de negociação salarial que o neoliberalismo havia suprimido, melhorou o salário real e as condições de vida da população.

Entretanto, continua sendo um governo neoliberal. Apostou na inversão estrangeira, nos monocultivos de soja e

¹ A IHU On-Line entende que aqui o entrevistado refere-se ao governo do atual presidente do Uruguai, Tabaré Vázquez, eleito em 2004. (Nota da IHU On-Line)

no florestamento, em empresas de celulose, como a Botnia² e a Ence,³ em relações estreitas com os Estados Unidos, mas conflitivas com o Mercosul, sobretudo com a Argentina e o Brasil. A distribuição da riqueza não se modificou, não mudou o modelo de acumulação.

IHU On-Line - Tabaré Vasquez foi o primeiro presidente de esquerda eleito no país. No fim do seu mandato, que mudanças ocorreram no país positiva e negativamente? É possível

² Botnia é uma empresa finlandesa de celulose localizada em Fray Bentos, no Uruguai. Ambientalistas argentinos bloqueiam a ponte San Martín, que liga a cidade de Gualeguachú a Fray Bentos, desde 2006, em protesto pela contaminação das águas. As *Notícias do Dia* do sítio são uma importante fonte para completar e ampliar as informações fornecidas aqui sobre o tema. (Nota da IHU On-Line)

³ Ence é uma empresa espanhola de celulose que em 2010 inaugurará uma fábrica no Uruguai. (Nota da IHU On-Line)

vislumbrar um novo Uruguai?

Raúl Zibechi - Há uma ampliação da democracia, uma crise dos caudilhos tradicionais e do clientelismo, porque agora esse papel é assumido pelo Estado por meio dos planos sociais. O negativo é a continuidade com o modelo neoliberal em aspectos chave, a consolidação das novas elites vinculadas ao agronegócio, à incapacidade da esquerda para ir além e disputar o poder de verdade com os poderosos.

IHU On-Line - Quais as perspectivas econômicas e sociais para o país a partir das eleições que ocorrem em outubro?

Raúl Zibechi - A economia entrou em uma fase de retração, mas ainda não de crise. Há queda nas exportações e um pouco mais de desemprego, mas até agora os dados não são graves.

Acredito que a Frente Ampla irá ganhar no primeiro turno, com cerca de 52, 55% dos votos, porque teve um governo muito superior aos anteriores. E isso não depende de quem for o candidato, Mujica ou Danilo Astori.⁴ Com qualquer um dos dois, ela vai ganhar.

IHU On-Line - O senhor diz que há duas esquerdas do ponto de vista social no Uruguai. Pode explicar a diferença entre ambas e quais são as possibilidades e limites diante da população uruguaia?

Raúl Zibechi - Existe uma esquerda de classe média, de gravata e de carro particular, com emprego fixo, como bancários ou trabalhadores qualificados. A outra esquerda é a das pessoas pobres, que vivem na periferia urbana ou no interior profundo, que têm empregos precários ou mal pagos, poucos anos de educação formal e salários muito baixos e muitos filhos. A primeira está representada por Astori, ex-ministro da Economia. A segunda, por Mujica, granjeiro, cultivador de flores, que se veste e fala como os pobres da cidade ou do campo.

IHU On-Line - Quais são as características históricas do Uruguai que favorecem ou dificultam a constituição de movimentos sociais no país?

Raúl Zibechi - Temos um Estado forte, com grande legitimidade e com uma intensa presença na economia, na sociedade e, sobretudo, na cabeça das pessoas. Por outro lado, a pobreza é relativa, pouco mais de 20% da população, o que fez com que os movimentos dos pobres tenham insinuado, nos últimos anos, uma nova potência, uma capacidade de se mover que muito lentamente está começando a se manifestar. E o fazem do jeito uruguaio, ou seja, por meio do sistema eleitoral e de partidos, apoiando Mujica, a alguém que sentem como um deles.

IHU On-Line - Como a crise internacional repercute positiva e negativamente no Uruguai?

⁴ Danilo Ángel Astori Saragosa (1940): economista e político uruguaio, atual senador da República. Foi Ministro da Economia entre 2005 e 2008. Membro da Frente Ampla, é pré-candidato presidencial a disputar as eleições presidenciais em 28 de junho de 2009. (Nota da IHU On-Line)

Raúl Zibechi - Ainda é muito cedo para saber, e vai depender, sobretudo de como irá repercutir no Brasil e na Argentina, para onde a maior parte das exportações do Uruguai vai.

IHU On-Line - Em que sentido os governos de esquerda ampliaram ou esvaziaram a participação dos movimentos sociais no cenário político latino-americano?

Raúl Zibechi - Depende de cada país. Minha impressão é que, em alguns países, como a Argentina e o Brasil, os planos sociais – Bolsa Família e outros – contribuíram para debilitar os movimentos. Não sei ainda se foi uma política intencional do governo Lula, mas é claro que os Kirchner se propuseram a tirar as pessoas das ruas repartindo planos sociais. O caso oposto é o da Bolívia, onde os movimentos mantêm uma grande capacidade de se mobilizar, ao ponto que mudaram a conjuntura da crise de setembro de 2008. Sem os movimentos sociais, é possível que Evo Morales tivesse caído.

IHU On-Line - Como percebe a proposta sul americana de criar uma moeda própria para circular na América Latina? Quais as vantagens ou não dessa política?

Raúl Zibechi - Acredito que é a hora de avançar nessa direção. A América do Sul precisa, de forma urgente, de sua autonomia econômica e financeira com relação aos Estados Unidos e às empresas multinacionais. A integração é boa e necessária, mas, se não rompermos com o livre mercado, com o livre comércio, seguiremos sob um modelo em que os mais poderosos exploram os mais fracos. E este é o momento para avançar em ambas as direções: integração fora das regras neoliberais.

IHU On-Line - Como os diversos países da América Latina estão lidando com a crise internacional? O que esta crise possibilita no continente?

Raúl Zibechi - Não há uma forma única de lidar com a crise. Cada país tende a fazer a sua parte, embora haja algumas coordenações importantes como as que exercem a Argentina e o Brasil. Digamos que esta aliança busca dar prioridade à integração ao estilo Unasul,⁵ embora

⁵ O entrevistado refere-se à União de Nações

também esteja presente o setor da Alba. No momento, não há grandes avanços em matérias como o Banco do Sul ou o comércio com moedas regionais, porém existe uma vontade de estabelecer uma coordenação mínima para evitar danos mais pesados da crise.

IHU On-Line - Assiste-se na América Latina a uma retomada das teses nacionalistas? Que outros modelos se destacam?

Raúl Zibechi - Há pelo menos três tendências. Os países do Pacífico, sobretudo Chile, Peru e Colômbia, olham para os Estados Unidos e a Ásia para complementar suas economias com as existentes nessas regiões. O pólo oposto seriam os da Alba, que buscam uma integração por fora do livre mercado e que poderiam ser qualificados de nacionalistas. No meio disso está o Mercosul, o grupo mais importante, que não tem nada de nacionalista, mas está perfeitamente adequado ao modelo de livre mercado e às multinacionais.

IHU On-Line - A América Latina procura por novos caminhos. É possível vislumbrar mudanças no continente? Que rumo podemos vislumbrar para o futuro?

Raúl Zibechi - Uma virada verdadeira só pode advir do empuxe do Brasil, ao qual deveria seguir a Argentina, já que juntos têm uma massa crítica que pode direcionar a região para outro lugar. A mudança em curso consiste basicamente num projeto de integração segundo a medida dos mercados, do qual o principal beneficiário é a burguesia paulista. Este caminho se distancia dos EUA, porém nada além disso; não chega a ser um novo modelo político, econômico e social.

IHU On-Line - Percebe o giro à esquerda no continente? O que isso representa? A esquerda da América Latina também está em crise?

Raúl Zibechi - Um giro à esquerda, tal como eu o entendo, só estaria sucedendo na Bolívia. Ali, confluem poderosos movimentos sociais com um governo disposto a refundar o país. No resto, ou não há vontade política ou os movimentos são muito débeis ou

Sul-Americanas. (Nota da IHU On-Line)

cooptados pelo Estado. Mas na Bolívia não há esquerda: o MAS é um conjunto de movimentos sociais. Disso, podemos concluir que as mudanças não estão sendo realizadas pela esquerda, porém é o povo organizado que substituiu a falta de vontade política das esquerdas.

IHU On-Line - Como o continente está tratando a questão dos recursos naturais e das energias renováveis? A América Latina ainda não percebeu a importância disso?

Raúl Zibechi - Sim, ela o percebeu, porém as esquerdas continuam considerando esses recursos como mercadorias. Aqui está o caso de Rafael Correa,⁶ que se defronta com o movimento indígena para impor a mineração, ou o dos Kirchner que continuam apostando no monocultivo de soja, sendo assim em quase todos os países.

LEIA MAIS...

>> Zibechi já concedeu outra entrevista à IHU On-Line, em 2008. Confira o material na página eletrônica do IHU.

Entrevista:

* Militarização do Estado criminaliza movimentos sociais, disponível no link http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1188&id_edicao=294. Edição número 266, de 28-06-2008, intitulada *Movimentos sociais. Criminalização é um atentado à democracia*, disponível no link http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?id_edicao=294.

6 Rafael Vicente Correa Delgado (1963): economista, político e o atual presidente do Equador. Foi assessor do ex-presidente Alfredo Palacio durante suas funções como vice-presidente. Depois, foi ministro de Economia e Finanças no início da gestão de Palacio na presidência, entre abril e agosto de 2005, após a destituição de Lucio Gutiérrez. Renunciou ao cargo por discordar da política presidencial. Durante sua gestão, propôs uma postura nacionalista, oposta aos organismos multilaterais como o Banco Mundial e o FMI, e a favor de uma maior participação do Estado na exploração do petróleo. No início de setembro de 2006, aparecia em terceiro lugar nas pesquisas eleitorais, passando para a liderança das pesquisas no começo de outubro. Candidato à Presidência da República pelo movimento Alianza PAIS (Patria Altiva (y) Soberana), obteve 22% dos votos nas eleições de 15 de outubro, ficando atrás do magnata da banana Álvaro Noboa (27%). No segundo turno disputado em novembro, obteve 56,67% dos votos válidos, contra 43,33% de Noboa. Correa tomou posse no dia 15 de janeiro de 2007, para um mandato de 4 anos. (Nota da IHU On-Line)

Movimento indígena: “mais organizado e combativo”

Possibilidade de firmar acordo de livre comércio com Estados Unidos dificulta ainda mais as relações da Colômbia com a América Latina, assegura Alfredo Molano

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

“O assassinato de dirigentes de um lado e o desemprego de outro têm arruinado a luta sindical”, afirma o pesquisador Alfredo Molano, ao comentar a atual situação das lutas sociais reprimidas pelo governo colombiano. As manifestações ganham forma através do movimento indígena, sobretudo os do sul do país. “O assassinato de indígenas, que é muito alto, não conseguiu derrotá-los. Pelo contrário, fortaleceu-os em sua luta por seus territórios, sua cultura e sua autoridade territorial”, assegura. E constata: “Não há nenhum outro movimento social que tenha a capacidade de mobilização nacional e que possa desafiar o poder do estabelecimento”. Por outro lado, o movimento camponês que teve destaque nos anos 1970 tem sido reprimido pelo Estado e pelos paramilitares. “De maneira indireta, o movimento camponês se expressa hoje na luta dos cultivadores de folha de coca e na ideologia da guerrilheira”, assinala.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Molano apresenta uma radiografia da Colômbia e aborda os impasses vividos no país que busca uma aliança com os EUA. Segundo ele, na medida em que “Obama mantenha a prometida política de abertura democrática, o governo de Uribe com o do México estarão cada vez mais sós no cenário regional, enquanto representam a direita tradicional”.

Nascido em Bogotá, o sociólogo Alfredo Molano tem se dedicado aos estudos das origens e do desenvolvimento de fenômenos sociais colombianos, em especial aqueles que têm origem nas minorias sociais. Ele cursou Sociologia na Universidad Nacional del Colômbia e também foi aluno da École Pratique de Hautes Études de Paris. Foi professor em várias universidades, colaborar de revistas como Eco, Cromos, Alternativa, Semana e Economía colombiana. Em suas obras, ele discute os sentimentos de uma sociedade dividida profundamente pelo regionalismo, pelos distintos movimentos sociais, e os conflitos históricos que envolvem o país nos últimos anos. Entre seus livros, citamos *Del llano llano: relatos y testimonios* (Bogotá: Santafé de Bogotá, 1996) e *Desterrados: crónicas del desarraigo* (Bogotá: El Ancora Editores, 2001). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como descreve a atual conjuntura colombiana? Quais são as expectativas diante das eleições do próximo ano?

Alfredo Molano - Estamos num período eleitoral e isso agita toda a vida política. Uribe busca a segunda ree-

leição e é o candidato mais forte, embora sofrendo a dura competição de seu Ministro da Defesa Juan Manuel Santos,¹ um representante clássico do estabelecimento e da aristocracia

1 Juan Manuel Santos (1951): político colombiano. É Ministro da Defesa da Colômbia desde 2006. (Nota da IHU On-Line)

de Bogotá. O Congresso teria de aprovar uma reforma constitucional para que Uribe possa ser candidato. Ele tem contra si o desgaste de dois períodos de governo, uma situação econômica que tende a piorar e uma deterioração de seu prestígio pelos crimes de estado que são denunciados por dois ex-presidentes, pela intervenção telefônica realizada pelo serviço civil de inteligência aos magistrados da Corte Suprema de Justiça, e os negócios de sua família, especialmente de seus filhos. Mas a oposição – o partido liberal e a esquerda social-democrata – está dividida e confundida.

IHU On-Line - O que a trajetória trabalhista e sindical colombiana representa atualmente no país?

Alfredo Molano - Até fins dos anos 1980, o sindicalismo, tanto operário como camponês, era forte. As reformas neoliberais – fundamentalmente a flexibilidade laboral – e a violenta repressão a dirigentes sindicais anularam de fato o Código do Trabalho. O partido Democrata norte-americano se negou a aprovar o Tratado de Livre Comércio (TLC), enquanto se continue matando sindicalistas. Porém, o que na realidade tem sido matado é o sindicalismo. Os últimos desfiles de 1º de Maio são espetáculos lamentáveis. O desemprego declarado pelo governo volta a ser de 14% e o desemprego disfarçado alcança 35%. O assassinato de dirigentes de um lado e o desemprego de outro têm arruinado a luta sindical.

IHU On-Line - Qual é a capacidade de manifestação do movimento indígena na Colômbia?

Alfredo Molano - O movimento indígena, sobretudo do Sul do país, é o mais organizado e combativo de todos os movimentos sociais. O assassinato de indígenas, que é muito alto, não conseguiu derrotá-los. Pelo contrário, fortaleceu-os em sua luta por seus territórios, sua cultura e sua autoridade territorial. Não há nenhum outro movimento social que tenha a capacidade de mobilização nacional e que possa desafiar o poder do estabelecimento.

IHU On-Line - O que dizer dos camponeses e trabalhadores rurais? Como eles se manifestam na Colômbia?

Alfredo Molano - O movimento camponês, muito forte nos anos 1970, também tem sido brutalmente reprimido pelo Estado e pelos paramilitares. De maneira indireta, o movimento camponês se expressa hoje na luta dos cultivadores de folha de coca e na ideologia guerrilheira.

IHU On-Line - Por que o governo colombiano tem interesse em fazer acordos com os EUA através do Tratado de Livre Comércio (TLC)? É interessante para o país manter relações comerciais com os EUA?

Alfredo Molano - O TLC convém a alguns grupos empresariais de grande poder político, mas tem opositores também muito fortes em setores como os grandes proprietários de terras, que se veriam seriamente limitados pela competição de setores agropecuários. A classe média é partidária do TLC pela importação livre de mercadorias norte-americanas de consumo. Os operários se opõem com algum êxito, porque os democratas os apóiam.

IHU On-Line - Neste sentido, como fica a relação da Colômbia com os outros países da América Latina?

Alfredo Molano - Na medida em que a maioria dos atuais governantes da América tenha um tímido divórcio da direita e que Obama mantenha a prometida política de abertura democrática, o governo de Uribe com o do México – e talvez agora com o Panamá –, estarão cada vez mais sós no cenário regional, enquanto representam a direita tradicional.

IHU On-Line - Com a eleição de Obama, que possibilidades se abrem para o país?

Alfredo Molano - Se Obama defender uma política forte e intransigente em defesa dos Direitos Humanos, as possibilidades de um acordo negociado entre as guerrilhas e o governo colombiano se fortalecem.

PARTICIPE DO COLÓQUIO INTERNACIONAL A ÉTICA DA PSICANÁLISE: LACAN ESTARIA

JUSTIFICADO EM DIZER “NÃO CEDAS DE TEU DESEJO”? [NE CÈDE PAS SUR TON

DÉSIR]? INSCRIÇÕES ABERTAS NO SITE WWW.UNISINOS.BR/IHU.

O desafio de reconstruir o país

Para José Maria Blanch, o judiciário dificulta mudanças efetivas no Paraguai, já que corresponde a grupos ligados aos interesses do Partido Colorado

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, o padre jesuíta José Maria Blanch comenta a atual conjuntura paraguaia e diz que há no país, atualmente, “um profundo desejo de mudança”, seguido da eleição do presidente Fernando Lugo, ex-bispo católico e ex-ativista político. Embora haja bastante confiança na honestidade dos novos responsáveis pelo país, Blanch está preocupado com alguns fatores, entre eles a corrupção. As políticas públicas desenvolvidas no país “parecem ser muito pouca coisa, e realmente o são, porque uma grande parte da estrutura do governo anterior ainda está incrustada nos diversos ministérios, e ademais o Congresso tem uma maioria opositora, a qual, a única coisa que quer é impedir o novo governo de governar”, assinala. Entre os desafios do governo atual, Blanch destaca a disparidade de forças políticas que o constituem. “Isto certamente impede que se possa esperar pelos resultados que se esperavam, ou pelo menos se desejavam.”

José Maria Blanch estudou Teologia em Granada, Espanha e doutorou-se em Filosofia, pela Pontifícia Universidad Javeriana de Bogotá, Colômbia. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como percebe o quadro político da América Latina? Como se relacionam os diferentes modelos de governo (progressista, nacionalista e integracionista)?

José María Blanch - Minha impressão, bastante superficial, talvez, e sem muita análise, é que as forças de certa maneira progressistas avançaram nestes últimos anos, talvez mais do que se esperava. Os modelos nacionalistas e integracionistas parecem antes ser elementos ideológicos que utilizam tanto a direita como a esquerda, de acordo com o crédito político que possam obter num dado momento para um grupo político determinado.

IHU On-Line - Quais são os aspectos positivos e negativos do novo governo paraguaio? O país enfrentará muitos desafios, considerando sua situação política, econômica e social? Quais são as expectativas?

José María Blanch - Os aspectos positivos são que há certamente um profundo desejo de mudança, uma vez que caiu o Partido Colorado, que

foi dono do poder durante oitenta anos, que há uma luta com bastantes resultados no terreno da corrupção e que há bastante confiança na honestidade dos novos responsáveis pelo país. Porém, precisamente por estas causas, ante a expectativa de mudança, o que se está realizando parece ser muito pouca coisa, e realmente o é, porque uma grande parte da estrutura do governo anterior ainda está incrustada nos diversos Ministérios, e ademais o Congresso tem uma maioria opositora, que quer impedir o novo governo de governar. Além disso, o poder judiciário, percebido como o mais corrupto dos poderes por todas as enquetes que se tem feito, ainda corresponde aos grupos ligados com os interesses do Partido Colorado, pois os juízes e a própria Corte Suprema de Justiça foram “remodeladas” pelo governo anterior, ao seu gosto e paladar. Isto tem como resultado que a impunidade que já havia antes prosseguiu e que muito poucas das denúncias contra a corrupção, que o poder executivo levanta, cheguem

a ser realmente julgadas. Outro desafio que enfrenta o governo é a disparidade de forças políticas que o constituem, com pouca experiência e sem verdadeiras negociações em busca do bem do país, e, antes ao contrário, discutindo por cotas de poder dos grupos internos. Isto certamente impede que se possa esperar pelos resultados que se esperavam, ou pelo menos se desejavam.

IHU On-Line - Como caracteriza os movimentos sociais na América Latina, em especial os indígenas? Eles têm força política nas reivindicações e mudanças sociais em países como a Bolívia, o México, o Brasil e o Paraguai?

José María Blanch - Também a este respeito vejo uma grande diversidade nos indígenas, no que se refere ao seu peso político e cultural em cada um dos países e ao relacionamento que têm os diversos povos com os demais cidadãos dos diversos países. Há um avanço em sua presença e reivindicação de direitos, porém em grau bastante diversificado.

Bolívia: um governo apoiado nos movimentos sociais

Na opinião de René Cardozo, Evo Morales será reeleito sem contratempos. No entanto, “é preciso analisar se ele obterá uma maioria mais ou menos ampla”, adverte

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, o jesuíta René Cardozo diz que a Bolívia vive atualmente “um profundo processo de mudanças políticas e econômicas”, mas não percebe no país “grandes convulsões sociais, como se via com relativa frequência nos últimos anos”. Apesar de consolidar um movimento forte e importante na política boliviana, Cardozo diz que os indígenas têm conflitos internos, “em sua maioria causados por ocuparem espaços de poder no Estado atual”. A política desenvolvida por Evo Morales mostra que “estão se abrindo espaços para a representação indígena, embora ainda seja em pequeno grau”, aponta.

Ao comentar a possibilidade de integração no continente latino-americano, René Cardozo destaca a importância de respeitar as diferenças entre os países. “Isso quer dizer que não se pode falar de um único modelo que se imponha a todos. Cada país tem sua própria realidade, seu próprio ritmo e seu jeito de integração”, ressalta. E ainda dispara: “O que se apresenta como muito complexo é igualar economias que são muito desiguais.”

René Cardozo é politólogo diplomado pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris. Pároco de uma zona rural de Cochabamba, é o atual Provincial dos Jesuítas da Bolívia. Confira a entrevista.

IHU On Line - Como caracteriza a situação política e econômica da Bolívia atualmente?

René Cardozo - Creio que vivemos um profundo processo de mudanças políticas e econômicas. São muitos os desafios com que nos defrontamos. De todas as formas, a Bolívia já não vive as grandes convulsões sociais, como vivia com relativa frequência nos últimos anos.

IHU On-Line - Quais são as políticas do governo Evo Morales?

René Cardozo - Foram principalmente a aprovação da Nova Constituição Política do Estado, a preparação das próximas eleições, um conjunto de políticas sociais e a nacionalização de recursos naturais e empresas estratégicas.

IHU On-Line - Como define os movimentos sociais na Bolívia? O que os torna fortes e atuantes?

René Cardozo - Creio que o governo de Evo Morales se apoia nos movimentos sociais. Por isso têm muita influência. Não se pode esquecer que nos últimos

anos eles foram inclusive capazes de fazer presidentes renunciarem.

IHU On-Line - Quais são os conflitos internos entre os movimentos sociais na Bolívia?

René Cardozo - Creio que existem, sim, conflitos, em sua maioria causados por ocuparem espaços de poder no Estado atual.

IHU On-Line - Em que sentido a eleição de Evo Morales caracteriza um avanço ou um esvaziamento entre os movimentos sociais?

René Cardozo - Creio que Evo Morales representa significativamente o governo que surge de movimentos sociais bem organizados.

IHU On-Line - A opção de Evo Morales em abrir espaço no governo para novos atores sociais, como os indígenas, apresenta uma forma de mudança e nos permite pensar em efetivas transformações sociais em longo prazo?

René Cardozo - São mudanças muito

profundas e, ao mesmo tempo, creio que sejam necessárias para um país como a Bolívia.

IHU On-Line - Qual é o significado político de mudar a lei eleitoral da Bolívia? O que isso significa para o país?

René Cardozo - Significa que estão se abrindo espaços para a representação indígena, embora ainda seja em pequeno grau.

IHU On-Line - Quais são as perspectivas gerais de reeleição na Bolívia? Evo Morales tem forças para se reeleger?

René Cardozo - Creio que Evo Morales poderá ser reeleito sem contratempos. O que é preciso analisar é se ele obterá uma maioria mais ou menos ampla.

IHU On-Line - O senhor diz que, com a nova Constituição Federal, se ampliam as autonomias na Bolívia. O que significa essa autonomia para o país e que força tem o movimento que a ela se opõe?

René Cardozo - Na realidade, a Cons-

tituição é autônoma e não federal. Todavia, considera a Bolívia um Estado unitário no qual, porém, irão se desenvolvendo várias autonomias. O movimento autônomo tem, na Bolívia, um apoio majoritário.

IHU On-Line - De que modo a crise internacional repercute no país?

René Cardozo - A crise tem uma repercussão limitada, dado o tamanho restrito da economia. Sem embargo, onde a crise tem muita repercussão é na baixa dos preços de matérias-primas e no possível desemprego pela queda de vendas das empresas e a diminuição de ingressos financeiros para o Estado.

IHU On-Line - Qual é o papel do vice-presidente Alvaro García Linera como intelectual nas políticas de Evo Morales?

René Cardozo - Trata-se de um contrapeso importante para um presidente indígena.

IHU On-Line - É viável a Alba?

René Cardozo - Creio que a Alba é, antes de tudo, um projeto alternativo a outros.

IHU On-Line - Nunca se falou tanto em integração latino-americana como nos últimos tempos. É possível falar de uma identidade comum na América Latina, que dê conteúdo a uma possível integração?

René Cardozo - Creio que deva ser uma integração que respeite as diferenças. Isso quer dizer que não se pode falar de um único modelo que se imponha a todos. Cada país tem sua própria realidade, seu próprio ritmo e seu projeto de integração.

IHU On-Line - A proposta de criar uma moeda própria da América Latina é considerável? Isso pode ajudar na integração do continente?

René Cardozo - A meu ver, pode ajudar para uma maior integração. O que se apresenta como muito complexo é igualar economias que são muito desiguais.

LEIA MAIS...

>> René Cardozo já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Ela está disponível na página eletrônica www.unisinos.br/ihu.

Entrevista:

* *Bolívia. A nova constituição é muito positiva.* Publicada nas *Notícias do Dia*, de 06-01-2009 e disponível no link http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=19098.

DISCUTIR DEUS EM
NOSSOS DIAS. ESSE É O
TEMA DO X SIMPÓSIO
INTERNACIONAL
IHU: NARRAR DEUS
NUMA SOCIEDADE
PÓS-METAFÍSICA.
POSSIBILIDADES E
IMPOSSIBILIDADES.

INSCREVA-SE E PARTICIPE:
WWW.UNISINOS.BR/IHU.

X Simpósio Internacional IHU:
NARRAR DEUS NUMA SOCIEDADE PÓS-METAFÍSICA.
Possibilidades e impossibilidades.



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana





UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



Teologia Pública

“Não basta salvar a nós, indígenas; é preciso salvar toda a humanidade e toda a criação”

Para os indígenas, a cristologia é encontrada na vivência da religiosidade popular indígena e mestiça como um conteúdo teológico e cristológico

POR MOISÉS SBARDELOTTO E PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

“Em seu caráter de indígena, nossa teologia se converteu em trincheira para defender nossa identidade mais profunda e em possível ameaça para a nova teologia trazida da Europa, que a atacou persistentemente; e, por isso, ela se fez clandestina, se mascarou ou se sintetizou com a perspectiva religiosa prevalente, a fim de conseguir sobreviver.” A explicação é Eleazar López Hernández, indígena mexicano, com trinta anos de sacerdócio na diocese de Tehuantepec. Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, ele apresenta uma reflexão sobre a importância da Teologia Índia no sentido de resgatar valores adormecidos pela sociedade atual e afirma que, ao longo dos anos, a “teologia indígena teve que aprender a ajustar-se às possibilidades que dava o contexto social e eclesial de cada momento”.

Eleazar López Hernández nasceu em Juchitán, Oaxaca, México, e é descendente de uma família indígena zapoteca. Ingressou no seminário em 1961 e formou-se em Filosofia e Teologia. Também participou do primeiro curso de pastoral indigenista em Caracas, da primeira Conferência dos povos indígenas, em 1975, em Vancouver, da contribuição indígena para o Encontro de Puebla e de Santo Domingo, como conselheiro. Atualmente, trabalha no Centro de auxílio às Missões Indígenas, participa da Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo e da equipe teológica Ameríndia. Confira a entrevista.

IHU On-Line - No III Simpósio latino-americano de Teologia indígena, organizado pelo Celan em 2006, foi abordada a Cristologia indígena. Quais são as referências cristológicas para falar de Cristologia indígena?

Eleazar López Hernández - Quando falamos de “cristologia indígena”, consideramos duas vertentes de reflexão:

a) A recepção inculturada que fizemos nós indígenas da evangelização cristológica, feita pelos primeiros missionários;

b) A elaboração teológica indígena a partir das Sementes do Verbo plantadas por Deus na história e nas culturas de nossos povos antes da primeira evangelização. Encontramos estas sementes plasmadas em suas tradições mais antigas.

Na primeira vertente, nós, indígenas, captamos que, apesar do inadequado da primeira evangelização que nos chegou unida ao projeto colonizador, a Igreja era portadora de uma proposta valiosa e digna de ser assumida. Por isso, nosso(a)s avós se converteram a Cristo e o assentaram na esteira de nossa busca de Deus. Mas, por aquele dito de que *“quidquid recipitur ad modum recipientis recipitur”*, nós, indígenas, usamos nossas categorias teológicas anteriores para entender e viver a fé cristã; e, neste sentido, incorporamos Cristo em nossa cultura, indigenizando-o; nós o inculturamos em nossos esquemas, revestindo-o com nossos trajes tradicionais. Em outras palavras, nós o recebemos em nossas malocas e em nossas casas

culturais. E é isto que mostramos ao falar agora de cristologia indígena.

Porém, não só permanecemos aí como se tudo o que se refere a Cristo viesse de fora; também remexemos em nossa história e em nossos cântaros milenares para encontrá-lo existindo no meio de nós. Assim, na segunda vertente, detectamos as “Sementes do Verbo” que pré-existiam, antes da chegada da Igreja, em nossas culturas e as explicamos hoje para mostrar que Deus sempre nos acompanhou e nos manifestou seu amor de Mãe-Pai. Essas sementes são a prova da presença entre nós do Verbo, “que ilumina todo homem que vem a este mundo” e se manifesta na sabedoria milenar de nossos povos (encerrada nos mitos e ritos) e nas pessoas históricas

(como *Quetzalcóatl*), que viveram profundamente as idéias ou utopias que animaram nosso longo caminhar. Esta é a cristologia feita a partir de nossa história da salvação, que levamos com prazer aos demais irmãos na fé e que não tem por que inimizar-se com a cristologia oficial. Nós a encontramos na vivência da religiosidade popular indígena e mestiça como um conteúdo teológico e cristológico impressionante que se expressa nos nomes e atributos que damos a Cristo. Esta nomenclatura teológica já está sendo sistematizada por irmãs e irmãos indígenas.

IHU On-Line - Como a teologia Índia se move e se condiciona dentro dos espaços eclesiais e aí se reproduzem?

Eleazar López Hernández - A teologia dos primeiros povoadores deste continente existe desde que nossos povos fizeram sua aparição nestas terras, pois Deus tem sido a razão de ser e o garante de nossa vida desenvolvida aqui em milhares de anos. Nossa teologia nativa foi feita “indígena” quando os europeus impuseram, com o descobrimento e a colonização, essa categoria social à realidade dos povoadores nativos. Em seu caráter de indígena, nossa teologia se converteu em trincheira para defender nossa identidade mais profunda e em possível ameaça para a nova teologia trazida da Europa, que a atacou persistentemente; e, por isso, ela se fez clandestina, se mascarou ou se sintetizou com a perspectiva religiosa prevalente, a fim de conseguir sobreviver. A religiosidade popular foi o espaço privilegiado de sua reprodução durante estes últimos 500 anos.

Neste sentido, a teologia indígena precisou aprender a ajustar-se às possibilidades que dava o contexto social e eclesial de cada momento. Quando houve boa disposição de aceitá-la, ela se manifestou abertamente; e, quando houve recusa, se refugiou nas covas e nas montanhas.

Esta atitude indígena de defender, inclusive ante a Igreja, nossa maneira particular de ver a vida e de relacionar-nos com Deus não significa que nossa entrada na Igreja tenha sido somente uma simulação ou um mecanismo de sobrevivência. As religiosas, os sacer-

dotes e os diáconos indígenas de hoje cremos que, apesar das sombras e dos espinhos da ação missionária da Igreja, houve em nossos(as) avós uma autêntica conversão da mente e do coração a Cristo e ao seu projeto de vida. Só que esta conversão não implicou uma ruptura com nosso processo anterior de busca de Deus, senão sua afirmação, fortalecimento e plenificação. Desde o princípio, ficou muito claro para nós que o Deus de nossos pais e avós (*Ipalnemohuani* = O que nos dá a vida; e os muitos outros nomes de Deus que eles usavam aqui) é o mesmo Deus de nosso Senhor Jesus Cristo. É o que está inserido na narração da Virgem de Guadalupe no México. Não temos por que assumir um eliminando o outro, senão fazendo que ambos se abracem porque são o único Deus verdadeiro.

“Depois de uma letargia de séculos, os povos indígenas despertaram para continuar novamente sua caminhada. Presenciamos agora a ressurreição do índio”

IHU On-Line - Em que sentido a teologia indígena nos ajuda a repensar a organização social e política da sociedade e do mundo, no sentido de respeitar as diversidades, a interculturalidade e o meio ambiente?

Eleazar López Hernández - A teologia indígena de hoje forma parte da vida e da luta dos “povos originários” deste continente, e está unida à cultura e história destes povos. Não é somente uma palavra sobre Deus, senão uma proposta ampla sobre a totalidade da vida, na qual Deus está profundamente envolvido. Para entender esta teologia, é preciso tomar em conta o modo

pelo qual nós indígenas olhamos não só Deus, senão também a sociedade e a inteira criação.

É aí que nós, indígenas, podemos ajudar a superar a crise que se abate atualmente sobre a humanidade. Frente ao individualismo que isola e faz de cada pessoa um lobo para os demais (“homo homini lúpus”), nós, indígenas, resgatamos o valor da família humana e da comunidade como poder solidário, que nos torna capazes de superar qualquer problema; frente ao lucro capitalista, enfatizamos o valor do serviço e da gratuidade; ante a pressão uniformizante da globalização neoliberal, professamos a aceitação da diversidade como riqueza humana e impulsionamos a harmonização do conjunto mediante o diálogo intercultural e inter-religioso como mecanismo eficaz de solução de conflitos e de colaboração solidária. Frente à depredação do meio ambiente para gerar rápidos ganhos, propomos a colaboração amorosa e respeitosa com a Mãe Terra como fonte de vida para todo(a)s; frente ao consumismo esbanjador impulsionado pelo mercado, assinalamos a austeridade como única maneira do bom viver sem danificar o meio ambiente. Estas propostas não são belas teorias que lançamos para ver quem as quer vivenciar, mas práticas cotidianas em muitas das comunidades indígenas até o dia de hoje.

IHU On-Line - A luta indigenista apareceu com mais força na Bolívia, no Brasil, no Paraguai. Quais as articulações que favoreceram essas lutas sociais? Que outras ações se deveriam praticar neste sentido?

Eleazar López Hernández - Certamente, depois de uma letargia de séculos, os povos indígenas despertaram para continuar novamente sua caminhada. Presenciamos agora a ressurreição do índio. A Bolívia é, desde logo, a melhor expressão da pujança deste despertar, pois aí os povos indígenas e camponeses sacudiram o jugo de uma minoria não indígena que os dominava e se deram um presidente de seu próprio sangue e cultura. Porém, a luta indígena se dá em todo o continente sob formas muito variadas e com resultados diferentes: Equador, Brasil,

Paraguai, Chile Guatemala, México etc. Setores importantes das igrejas cristãs tiveram de ver com este des-pertar por seu acompanhamento pas-toral; também lutadores sociais que se acercaram dos indígenas contribuíram com recursos e assessorias diligentes; porém, sobretudo são os próprios indígenas que tomaram consciência de sua dignidade, de seus direitos e do valor de sua palavra nestes tempos de crise. Chegamos à conclusão, como o expressam acertadamente os maias, que um novo horizonte de vida se vislumbra por trás das montanhas; ou, como dizem os andinos, o *pachakutic* está chegando. Chegou o tempo de preparar-nos e de preparar a terra para uma nova semente de vida.

Hoje, mais do que nunca, existem redes e articulações de movimentos indígenas que compartilham saberes e experiências de nossa luta pelos quatro cantos do continente; e estão se dando a mão para seguir em frente. O protagonismo indígena cresceu tanto que no momento atual os acompanhantes não indígenas seguem sendo importantes, embora não sejam indispensáveis para o futuro do processo.

IHU On-Line - Grande parte da população mundial vive em zona urbana. Somente no Brasil, mais de 805 vivem em cidades. Como sensibilizar essas populações sobre a importância do cuidado com a terra? Você vislumbra um cuidado maior com a terra no contexto da América Latina?

Eleazar López Hernández - É uma verdade inquestionável que a população mundial está se movendo em direção às cidades. Também o povo indígena avança para as cidades. Em vários países só estão permanecendo, nos territórios indígenas tradicionais, menos de 50% dos membros das comunidades (mulheres, anciãos e crianças). Porém, isso não significa que se perde o amor e o cuidado da terra. Em vários países, como no México, os que migram, especialmente aos Estados Unidos, normalmente retornam depois de um tempo não muito longo de trabalho, ou enviam grande parte do que ganham, para sustentar suas famílias e também para obras e serviços comunitários. Desta maneira, muitas comunidades se renovam e me-

lhoram sua infraestrutura (prédios municipais, igrejas, escolas).

Nestes tempos está se dando um fenômeno inverso ao que se deu na época colonial, em que se obrigou a nós indígenas a reduzirmos os pequenos espaços das zonas nas quais nos encurralaram. Agora saímos dessas áreas de reserva e de refúgio para colocar-nos no amplo mundo da globalização, recuperando os espaços antes perdidos e aprendendo a interagir na globalização com outros povos e culturas, sem perder nossos valores e nossa proposta de vida. E aí vamos descobrindo que nossa palavra também é válida e valiosa para outros seres humanos que entendem e assumem que juntos vamos

“Hoje, mais do que nunca, existem redes e articulações de movimentos indígenas que compartilham saberes e experiências de nossa luta pelos quatro cantos do continente; e estão se dando a mão para seguir em frente”

pelo menos caminho da terra, nossa mãe e casa grande de todo(a)s. Desta maneira, nossa luta se ampliou, unindo-se a outras lutas de irmãos/irmãs na dor e na esperança.

Por exemplo, os zapotecas do Istmo de Tehauhtepec, no sul do México, ao migrar às cidades do norte, nos demos conta que nosso amor à terra (“layú”) não se reduz à luta por nossos direitos territoriais, senão que inclui também a grande luta pelos direitos da Mãe Terra (“Guidxilayú”), que abriga por igual a seus filho(a)s indígenas,

negro(a)s, branco(a)s, amarelo(a)s. E assim, junto com outros seres humanos, chegamos à conclusão de que não basta salvar a nós, indígenas; é preciso salvar toda a humanidade e toda a criação. Neste sentido, vislumbro no futuro que, na medida em que esta consciência ecológica fundamental, que está no pensamento e na teologia indígena ancestral, se transmitir por contágio aos demais, será factível deter a agressão brutal que a economia capitalista realiza sobre a terra, tornando-a sustentável; e assim poderemos sonhar entre todo(a)s que “outro mundo é possível”, tal como se proclama nos Fóruns Sociais Mundiais. O modelo capitalista já não tem alternativas de vida ante as crises cada vez mais recorrentes que lhe sobrevêm. Faz falta um novo modelo de vida, mais humano, mais ecológico e mais divino. Nós, indígenas, temos muito que aportar a esse respeito.

IHU On-Line - Quais são os desafios da teologia indígena na América Latina?

Eleazar López Hernández - **Desafios da modernidade neoliberal.** O maior desafio que se apresenta não só à teologia indígena como tal, mas também aos povos indígenas, é a ameaça de extinção que pesa sobre nós e sobre nossas culturas por causa do modelo atual de sociedade que avança sobre o que resta de nossos territórios, de nossos recursos naturais e inclusive de nossos saberes ancestrais. Como impedir que sucumbamos ante a violência dos mega projetos viários, turísticos, mineralógicos, de produção energética, de biocombustíveis? Como manter nossa vida cultural e espiritual, quando, por causa da migração forçada já fomos movidos a terras estranhas?

Desafios das próprias comunidades indígenas. O impacto da modernidade no mundo indígena está causando um enorme abismo entre os mais idosos e as novas gerações. Os mais velhos já não encontram nos jovens o mesmo eco que antes existia para assegurar no futuro a continuidade das tradições; isso devido principalmente à educação alienante que esses jovens recebem das escolas oficiais e devido aos “valores” que transmitem os meios de comunicação. Isso se agra-

va com o afastamento destes jovens em relação às suas comunidades, por causa da migração. Se não encontrarmos maneiras de resolver satisfatoriamente este problema, entusiasmando as novas gerações indígenas por sua cultura e espiritualidade, pode dar-se a extinção indígena mediante a desintegração das comunidades que são as verdadeiras depositárias e garantes da reprodução cultural e religiosa.

Porém, precisamente por este desafio tão extremo, muitos irmãos e irmãs estão realizando processos interessantes de reformulação cultural e religiosa, exatamente como sucedeu na Antiguidade, quando passamos de ser nômades a sedentários e daí nos guindamos às altas civilizações. E nisso também está havendo muita criatividade e entusiasmo entre as novas gerações. A teologia indígena está se recriando nos novos contextos de hoje, resgatando mais do que a terra, o espírito dos mitos e dos ritos; e envolvendo-se nas atuais lutas de nossos povos pela vida digna, pelos próprios direitos e pela autonomia.

IHU On-Line - Como a teologia indígena se ajusta à conjuntura atual?

Eleazar López Hernández - A teologia indígena atual não é mera repetição de mitos e ritos do passado, como uma tradição que se vai tornando cada vez mais obsoleta; senão uma utilização das ferramentas e das luzes do passado para entender o presente e para construir futuros dignos de serem vividos. A teologia indígena de nossos tempos é necessariamente resultado de ajustes da experiência de Deus que fazem nossos povos e de nossa sabedoria religiosa às conjunturas cambiantes. Ao responder aos desafios de hoje, damos razão e testemunho da esperança que nos anima a seguir lutando como o fizeram nossos antepassados. Mais que um conteúdo teológico fixo, que mantemos contra o vento e a maré, a teologia indígena é um olhar de fé com o qual nos atrevemos a enfrentar as vicissitudes da história que nos toca viver em cada momento.

IHU On-Line - Quais foram os ganhos e as limitações em usar o termo “Teologia indígena” na V Conferência

em Aparecida? Quais são os ganhos e perdas dos indígenas em Aparecida?

Eleazar López Hernández - A Teologia indígena ganhou muito em Aparecida. Jogamos na cancha da V Conferência do Episcopado latino-americano e fizemos vários gols, embora também tenham feito alguns contra nós. Como já expressei no balanço que fiz desta Conferência: “Muitas coisas nós, indígenas, conseguimos em Aparecida e que já foram assinaladas: em primeiro lugar, estivemos física e moralmente em Aparecida, através de vários indígenas delegados oficiais de suas Conferências; através de bispos defensores da causa indígena, de teólogas e teólogos solidários da Ameríndia; através de irmãs e irmãos indígenas que expressaram sua voz fora da Assembléia por diversos meios e obtiveram impacto em muitos

“Faz falta um novo modelo de vida, mais humano, mais ecológico e mais divino. Nós indígenas temos muito que aportar a esse respeito”

bispos. A presença indígena foi evidentemente notória e significativa”.

“Os inimigos da causa indígena não conseguiram calar-nos nem condenar-nos, embora houvesse intentos de fazê-lo. Todo o contrário: obtivemos simpatia, aproximação e diálogo em Aparecida. Pouco a pouco fomos oferecendo, como Juan Diego, nossas flores cortadas no Tepeyac, e pudemos fazer que teólogos e bispos de Aparecida fossem se sensibilizando e abrindo para nossa causa. Com o auxílio de teólogas e teólogos amigos elaboramos aportes e modos indígenas, solidamente fundamentados e adequadamente expressos, que circularam exaustivamente nas mesas de debate. Todos tiveram acesso à palavra e à perspectiva

indígena e a tomaram em conta para suas decisões. Não é fruto da causalidade que no final houvesse um amplo eco da voz indígena na Conferência. Por este esforço coordenado dos de dentro com os de fora se alcançou que praticamente todas as propostas da Pastoral indígena latino-americana recebessem o aval e fossem incorporados no documento final, embora alguns tenham sido matizados.”

Em relação ao que não ganhamos, reconhecemos que a única perda em Aparecida foi a não oficialização do termo Teologia indígena no Magistério da Igreja. O manejo que se deu do borrador do documento conclusivo e as votações que se fizeram para aprová-lo não nos favoreceram por uma margem muito pequena; e este resultado ligeiramente adverso foi possível apesar da oposição explícita do responsável da Congregação para a Doutrina da Fé.

Por isso, no final, um bispo do Panamá questionou: de que outra oficialização necessitamos, se o próprio Papa Bento XVI usou sem matizações o termo “teologia indígena” em cartas dirigidas ao Celam, indicando-lhe que leve a cabo um processo de discernimento para clarificar os pontos nevrálgicos que ainda existem na Teologia indígena? Se a mais alta autoridade da Igreja usou o termo Teologia indígena, que mais faz falta para oficializá-lo na Igreja?

Outros bispos acrescentaram: que bom que não a oficializaram, pois assim a Teologia indígena pode seguir caminhando na liberdade dos filhos de Deus.

IHU On-Line - O senhor diz que a teologia indígena vive um novo momento. Como as promessas e esperanças se confrontam com temores e incertezas nessa trajetória?

Eleazar López Hernández - As ‘promessas e esperanças’ em relação à Teologia indígena, nós as temos majoritariamente do lado das comunidades crentes do mundo indígena; os ‘temores e incertezas’ se localizam especialmente do lado dos que tutelam a ortodoxia da instituição eclesial. Porém, não nos paralisam os temores e incertezas; pelo contrário: são acicates para avançar no diálogo. Na medida em que os adversários da teologia indígena nos apresentem mais claramente

“Faz falta um novo modelo de vida, mais humano, mais ecológico e mais divino. Nós indígenas temos muito que aportar a esse respeito”

suas dúvidas e questionamentos, mais podemos ajudar a clarificá-los. É o que tem sucedido nos simpósios e oficinas de Teologia indígena organizados pelo Celam. Também nisso estamos aprendendo a interagir com a diversidade teológica que existe na Igreja.

IHU On-Line - Qual é o futuro dessa teologia dentro e fora da Igreja?

Eleazar López Hernández - Desde logo fora da Igreja, a teologia indígena está tendo muita ressonância. Os movimentos indígenas atuais acodem cada vez mais a esta teologia para afiançar seus passos na luta; porque ela é sua maior força.

Dentro da Igreja, a repercussão também é ampla. Muitos bispos de Igrejas particulares com população indígena a estão assumindo explicitamente em seus planos pastorais e na formação de seus agentes; também várias congregações religiosas a tomam em conta para seus projetos de formação, de vida comunitária e de ação missionária; teólogo(a)s de diversas associações teológicas começam a incorporá-la em suas análises e colocações.

O fato de que tenha havido um espaço tão grande nos debates de Aparecida é sinal de que a Teologia indígena está impactando positivamente no interior da Igreja, não só em nível particular, mas também nível universal, envolvendo suas mais altas autoridades. Poucas teologias obtiveram isso em tão pouco tempo.

Mas o mais importante é que nós, indígenas, que estamos dentro da Igreja, a estamos assumindo de maneira cada vez mais lúcida e consciente. E isto, do meu ponto de vista, já não terá marcha atrás.

Livro da Semana

Yunes, Eliana; Bingemer, Maria Clara (Org.). *Bem e mal em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio e UAPÊ.

A fundição do bem e do mal em Guimarães Rosa

Literatura e Teologia se aproximam ao tentar captar o drama humano no mistério da vida na mais recente obra organizada por Eliana Yunes e Maria Clara Bingemer

POR GRAZIELA WOLFART

Recentemente lançado pela Editora da PUC-Rio e pela UAPÊ, ambas do Rio de Janeiro, a obra *Bem e mal em Guimarães Rosa* reúne uma coletânea de artigos sobre o autor mineiro e foi organizada pelas professoras da PUC-Rio Eliana Yunes e Maria Clara Bingemer. A IHU On-Line entrevistou por e-mail a professora Eliana Yunes. Ela argumenta que “Guimarães Rosa, nos seus textos, se desvencilha das dicotomias porque vê a complexidade do humano excedendo os paradigmas fechados”. Para ela, “ele escapa a toda e qualquer linearidade e simplificação para vivificar o contraditório, o paradoxal da condição humana, em que bondade e maldade não se excluem, em que a beleza e a verdade podem estar no seu avesso, assim como a loucura e o bom senso”. Yunes ainda acrescenta que Guimarães Rosa, trabalhando intensamente com a oralidade, “sofisticou a escrita, sem fazer concessões senão ao que buscava expressar como cerne e casca do Homem, tão regional quanto universal, tão sertanejo, quanto urbano”.

Professora e coordenadora da Cátedra Unesco de Leitura da PUC-Rio, Eliana Yunes possui graduação em Filosofia e Letras, pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, mestrado e doutorado em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e pós-doutorado pela Universidade de Colônia, da Alemanha. É autora de, entre outros, *Pecados* (Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001) e *Virtudes* (Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001). Confira a entrevista.

IHU On-Line - De que maneira o encontro da literatura com a teologia é valioso no sentido de analisar o bem e o mal na obra Guimarães Rosa?

Eliana Yunes - O encontro entre teologia e literatura é da esfera da interdisciplinaridade e se aplica a obras e temas diversos. No caso do presente livro, o que se registra é o curso de pós-graduação que as organizadoras

apresentaram, assim como a pesquisa e a produção dos doutorandos de letras e teologia que focaram a questão enunciada muitas vezes na própria narrativa rosiana, em torno do bem & mal na obra de Guimarães Rosa com ênfase no *Grande sertão: veredas*. O método faz aparecerem possibilidades de interpretação e construção de sentido inéditas, va-

lorizando a potência multisignificante de uma das obras mais extraordinárias do século XX.

IHU On-Line - O que caracteriza a leitura teológica feita dos textos de Guimarães Rosa?

Eliana Yunes - A leitura exercitada procura fazer não uma abordagem teológica, mas compreender como a literatura pode ser uma forma não-teórica de teologia. O que se procura encontrar está no plano das linguagens de uma e outra área do conhecimento – elas se aproximam ao tentar captar o drama humano no mistério da vida. Este esforço metodológico logra expor a dimensão do diálogo imanente/transcendente que atravessa seus romances e histórias (como ele preferiu grafar), sem qualquer profissão de fé, nem laivos catequéticos. A leitura revela uma escrita da perplexidade que irrompe no sem fronteiras do ser-tão.

IHU On-Line - Qual a contribuição que a obra do escritor oferece para a realização de uma leitura da Teologia?

Eliana Yunes - Guimarães Rosa, nos seus textos, se desvencilha das dicotomias porque vê a complexidade do humano excedendo os paradigmas fechados. Ele escapa a toda e qualquer linearidade e simplificação para vivificar o contraditório, o paradoxal da condição humana, em que bondade e maldade não se excluem, em que a beleza e a verdade podem estar no seu avesso, assim como a loucura e o bom senso. Obras com este propósito desarraigado de ideologias retomam as crenças numa perspectiva que não se confunde com doutrinas, mas catapultam o homem para dimensões apenas entrevistas.

IHU On-Line - O que caracteriza a linguagem criada por Rosa e que marcou para sempre a Literatura Brasileira?

Eliana Yunes - Os narradores de Guimarães Rosa se despem de automatismos, do falar padrão e da gramática regrada. Como bem o assinalou Roland Barthes,¹ Literatura é uma

¹ Roland Barthes (1915-1980): escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês. (Nota da IHU On-Line)

“O herói de Rosa só tem todo poder quando já abriu mão de qualquer poder”

linguagem que faz dobrar a língua e para obrigá-la a dizer o que se quer e não o que ela habitualmente diz, é preciso desarranjá-la, inventar de novo a fala, que rompe com a norma sem perder de vista o sistema, na ponderação do linguista Coseriu.² A poética tem licenças autoconcedidas que produzem desconforto e admiração simultaneamente. Guimarães Rosa, trabalhando intensamente com a oralidade, sofisticou a escrita, sem fazer concessões senão ao que buscava expressar como cerne e casca do Homem, tão regional quanto universal, tão sertanejo quanto urbano.

IHU On-Line - Quais os mistérios que envolvem a eterna luta entre o bem e o mal apresentada por Guimarães Rosa tanto no sertão transformado em campo de batalha quanto dentro do coração humano?

Eliana Yunes - Para o escritor mineiro, o sertão é o mundo e o homem sua manifestação mais vívida. Sua epopéia, contudo, esconde um drama irreduzível que aponta continuamente para uma luta entre o bem e o mal, sem que o mistério ao menos se localize, dentro ou fora do homem. Rosa, numa percepção extremamente arguta, entende que não há resposta acabada: “eu conto e o senhor ponha o ponto” onde enfim achar que deva. A perspicácia para inferir a dor humana independente de cultura ou idade se associa à sabedoria que descarta a opção (ou) e promove a interação (e) rompendo as expectativas, como postulava Iser.³ Em Guimarães Rosa bem

² Eugenio Coseriu (1921-2002): linguista especializado em filologia românica. É uma das mais importantes figuras da filologia do século XX. (Nota da IHU On-Line)

³ Wolfgang Iser (1929): professor de Inglês e Literatura Comparativa na Universidade de Constance na Alemanha. Junto com o colega

e mal trocam de posição constantemente até se fundirem fazendo com que a angústia provocada pelo mal seja transfigurada em ética, justiça – valores da beleza, o que enfim, deve prevalecer.

IHU On-Line - Quais seriam hoje, a partir da inspiração de Guimarães Rosa, os grandes pactos de que vive o homem? Deus e o diabo, eu e o outro, iguais e diferentes continuam afligindo o ser humano contemporâneo?

Eliana Yunes - As aflições humanas, desde que o homem se pôs de pé e pode olhar para o alto, liberando as mãos e a cabeça para criar e contemplar, não mais para garantir a locomoção segura, mostram que a grande viagem ao redor de si mesmo ainda não se completou. A exploração dos mares e das estrelas não esgota as perguntas sobre a vida e muito frequentemente as respostas, convenientes segundo um tempo e lugar, apenas dão a ilusão de verdade e de conforto logo evanescentes. Os dilemas fazem oscilar os valores enquanto presos a modelos e práticas consolidadas. Deste ajuste, a prosa rosiana liberta suas personagens, provocando o maravilhoso e o terrível a um só tempo, fazendo que ingressem numa experiência inexprimível em termos usuais. A linguagem deriva, então, fazendo da morte a vida plena, do mal o bem maior. O herói de Rosa só tem todo poder quando já abriu mão de qualquer poder.

IHU On-Line - O centenário de nascimento de Guimarães Rosa foi comemorado no ano passado. Como entender sua atualidade?

Eliana Yunes - A atualidade de Guimarães Rosa não depende de festivais, nem de datas redondas. Assim como acontece com Cervantes,⁴ Shakespea-

teórico Hans Robert Jauss, Iser é o maior expoente da estética da recepção, que fundamenta suas bases na própria crítica literária alemã. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Miguel de Cervantes e Saavedra (1547-1616): escritor espanhol, autor de *Don Quixote de La Mancha*. (Nota da IHU On-Line)

re,⁵ Machado⁶ ou Camões,⁷ o escritor brasileiro visitou a alma humana e da viagem fez emergir o esboço em permanente construção que nos seduz, o ser que nunca é definitivo. Ninguém lê Rosa uma vez, ninguém o lê para encontrar a resposta – todas são provisórias, mesmo as mais complexas. Suas perguntas não calam.

LEIA MAIS...

>> Eliana Yunes já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. O material está disponível na página eletrônica do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Entrevistas

* “Clarice Lispector: uma descoberta avassaladora”. Publicada na revista IHU On-Line número 228, de 16-07-2007;

* *Outro pecado, oblíquo e dissimulado*. Publicada na revista IHU On-Line número 262, de 16-06-2008;

* *Monteiro Lobato. Um ativista da educação combatido pela Igreja*. Publicada na revista IHU On-Line número 284, de 01-12-2008.

>> Sobre Guimarães Rosa confira as seguintes edições da IHU On-Line:

* *Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa*. Edição número 178, de 02-05-2006;

* *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*. Edição número 275, de 29-09-2008.

5 William Shakespeare (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Como dramaturgo, escreveu não só algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias, 154 sonetos e vários poemas de maior dimensão. (Nota da IHU On-Line)

6 Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Rio de Janeiro: Ediouro, 1995), *Dom Casmurro* (Erechim: Edelbra, 1997), *Quincas Borba* (15. ed. São Paulo: Ática, 1998) e vários livros de contos, entre eles a obra-prima *O Alienista* (32. ed. São Paulo: Ática, 1999), que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, foram produzidas duas edições especiais da IHU On-Line: edição 262, de 16-06-2008, sob o título de *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, e edição número 275, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, de 29-09-2008. (Nota da IHU On-Line)

7 Luís Vaz de Camões (1524-1580): é frequentemente considerado como o maior poeta de língua portuguesa e dos maiores da Humanidade. O seu gênio é comparável ao de Virgílio, Dante, Cervantes ou Shakespeare; das suas obras, a epopéia *Os Lusíadas* é a mais significativa. (Nota da IHU On-Line)

Entrevista da Semana

Veja criminaliza a política brasileira

Os mecanismos de incidência do campo jornalístico sobre o campo política produzem uma visão cínica sobre o último, constata Roberto Efrem Filho

POR PATRICIA FACHIN

“Entre o campo jurídico e o campo midiático há uma cumulidade estrutural que, em última e principal instância, termina servindo ao disciplinamento das classes subalternas”, constata Roberto Efrem Filho, ao avaliar a revista *Veja*, tema de sua dissertação de mestrado, concluída neste ano. O pesquisador analisou 578 edições da publicação, entre o período de 1997 a 2008, correspondente aos governos de Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva. Na entrevista que segue, concedida com exclusividade, por e-mail, à IHU On-Line, Efrem Filho diz que “o campo midiático encontra na ‘corrupção midiaticizada’ um significado *modus operandi* de empreender a luta política”. Assim, “a melodramatização jornalística”, continua, prefere “o combate ao debate, a polêmica à dialética, o enfrentamento entre as pessoas em detrimento do confronto entre seus argumentos”.

Roberto Efrem Filho é mestre em Direito, pela UFPE, professor substituto da mesma instituição de ensino e assessor jurídico popular. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Na pesquisa de mestrado o senhor analisou edições da revista *Veja* entre 1997 e 2008. O caráter da revista se modificou ao longo desses anos?

Roberto Efrem Filho - O primeiro dado trabalhado em minha dissertação diz respeito à presença de membros do Supremo Tribunal Federal (STF) nas páginas amarelas de *Veja*. Do dia 4 de junho de 1997 ao dia 27 de agosto do ano de 2008, *Veja* publicou 578 edições. Em quase todas elas, em 569, há uma pessoa entrevistada escolhida de acordo com critérios estabelecidos pela revista. Neste período, quatro ministros e uma ministra do STF concederam entrevistas às páginas amarelas da revista. De 569 pessoas, nesses mais de dez anos, cinco eram membros do STF. Dessas, três delas se deram num

lapso de menos de quatro meses, mais precisamente de março de 2008 a julho do mesmo ano. Essa sobre-representação do STF em *Veja* no ano de 2008, a meu ver, poderia suscitar duas hipóteses, as quais tento desconstruir de antemão. A primeira delas é a hipótese do “acaso”. Acidentalmente, por acaso, fortuitamente, o ano de 2008 foi “o ano dos ministros”. Para combater essa primeira – e, propositadamente, inocente hipótese –, recorri a dados relativos à participação de entrevistados(as) norte-americanos(as) nas mesmas páginas amarelas.

De janeiro a julho do mesmo ano de 2008, *Veja* publicou trinta edições, por conseguinte, trinta entrevistas. Dessas, um total de dez foram realizadas com convidados(as) estadunidenses. As demais entre-

vistas foram feitas com brasileiros(as) – dentre eles(as), os três membros do STF – e com um venezuelano chamado Yon Goicoechea, um estudante que, segundo a publicação, “por sua luta em prol da democracia” e contra o governo de Chávez, recebeu quinhentos mil dólares do instituto norte-americano (sic.) Cato, sediado em Washington. Um terço das entrevistas não é com norte-americanos por acaso. Assim como a imensa maioria de imagens de pessoas reproduzidas nas ilustrações da revista ser de homens brancos e mulheres brancas – e não negros(as), ou pardos(as) – não é acidental. Entre *Veja* e Estados Unidos processa-se uma hegemonia homóloga. Por certo, sujeitos franceses, senegaleses, sul-africanos ou indianos teriam muito a dizer àquelas páginas amarelas. Todavia, a mais importante revista semanal brasileira, com seus quase um milhão de assinantes e duzentos mil compradores(as) em bancas e supermercados, com sua circulação equivalente ao dobro da de todas as outras revistas semanais de informação, aproxima de si não qualquer outro país, mas a maior potência econômica mundial. Hegemônicos em seus campos de atuação e no espaço social como um todo, considerados os latifúndios que lhe cabem nesta pequena parte do universo que é o Planeta Terra, *Veja* e Estados Unidos sustentam, cada qual a seu modo, as hegemonias um do outro.

Interesses no conflito

A segunda hipótese a ser desconstruída é a da importância, segundo a qual, se os Estados Unidos são o país mais importante do mundo, mais teriam eles de estar nas páginas de *Veja*, afinal é ela um órgão de imprensa que, como tal, precisa refletir o cenário social. É de se notar ser essa “importância” um bem simbólico sob conflito. Outras “importâncias” ocorreram na história sem que a revista as tivesse representado. Dá-se que há importâncias mais importantes, enquanto outras podem ser negadas. *Veja*, por exemplo, nunca trouxe às suas páginas amarelas os responsáveis pela extinção

do analfabetismo em Cuba, na Bolívia e na Venezuela, muito embora por diversas vezes tenha declarado seus interesses na “educação”. Há interesses diversos no conflito pelo o que é mais importante. Na hegemonia homóloga entre *Veja* e Estados Unidos, saltam aos olhos os interesses de classe (falo de classes sociais, segundo a tradição marxista). No entanto, esses interesses de classe não repercutem direta-

“*Veja* pauta o STF ao mesmo tempo em que o STF pauta *Veja*. Não há um membro sequer do Supremo Tribunal concedendo entrevistas ao jornal *Brasil de Fato* ou à Agência Carta Maior. A presença de um(a) ministro(a) nas páginas amarelas de *Veja* fortifica a revista mas igualmente garante ao(a) ministro(a) um aumento em seu capital simbólico”

mente nos campos específicos, como o midiático, senão através da necessária mediação. No caso do Jornalismo – e isso ocorre também com o Direito –, o interesse mais caro é o desinteresse. A importância de um fato é desinteressadamente construída nas páginas de uma revista. A presença do STF em *Veja* é, então, desinteressadamente atribu-

ída ao “fato” – concebido pela revista como um mero dado desprovido de historicidade – de o Supremo Tribunal ter sua participação aumentada no espaço social. Segundo a persistência da hegemonia homóloga, entretanto, a escolha de *Veja* pelos membros do STF atravessa caminhos ideológicos e interesses “desinteressados” em comum. O STF, portanto, não está representado nas páginas do veículo por acaso, ou por sua “importância”. Mas sim – e aqui reside minha pessoal hipótese – porque entre o campo jurídico e o campo midiático há uma cumplicidade estrutural que, em última e principal instância, termina servindo ao disciplinamento das classes subalternas.

IHU On-Line - Que relações o senhor percebe entre os meios de comunicação brasileiros, em especial a revista *Veja*, e o Poder Judiciário brasileiro? O que o senhor quer dizer com a construção histórica de uma cumplicidade estrutural material e simbólica entre ambos?

Roberto Efrem Filho - O direito e a mídia compartilham artifícios simbólicos de legitimação. O “desinteresse” do qual falei é um deles. Na edição de 17 de outubro de 2007, *Veja* afirma já ter sido acusada, ao longo de sua história, de ser de direita e de esquerda. Sua resposta para essas acusações é sobremaneira emblemática: “Nunca é demais lembrar que *Veja* só tem um lado: a defesa intransigente do Brasil”. Recorrer à defesa intransigente do país não constitui mais do que a negação das disputas sociais pelo o que seria defender o país. A revista se põe numa abóbada celestial, livre dos conflitos sociais, acima de quaisquer contendas, numa posição purificada e desinteressada. Os importantes lucros materiais e simbólicos gerados durante essa “defesa intransigente” certamente não são citados pela revista. O Judiciário age de um modo análogo quando fundamenta seus interesses pretensamente desinteressados na defesa “da Constituição”, “do Estado Democrático”, “do interesse público” etc. A “defesa da Constituição” remonta àquela “defesa intransigente do Brasil”, ou seja, à negação dos conflitos sociais,

à fabricação de consensos próprios da hegemonia e a uma autolegitimação no espaço social.

Na composição desses artifícios de legitimação estão palavras como “neutralidade”, “imparcialidade”, “objetividade” e, nesta última, o amparo simbólico nos “fatos” tidos como dados inquestionáveis. Tais palavras – também artifícios – são compartilhadas pelo direito e pela mídia como modo de garantir a si a competência para lidar com “a” verdade. Os meios de comunicação revelam “a” verdade, o Poder Judiciário decide “a” verdade. Aqui também os conflitos sociais são negados e “a” verdade – consagrada a partir de relações de poder – é considerada como única e invariável. “A” verdade é um mecanismo de dominação exercido por direito e mídia como componente de sua autolegitimação. O Supremo Tribunal Federal e a revista *Veja*, assim sendo, compartilham mais do que certa importância no atual contexto histórico. Suas importâncias são arquitetadas sobre uma cumplicidade que os aproxima seja pela hegemonia homóloga, seja pelos artifícios simbólicos citados. É de se notar ainda a importância conferida por um sujeito ao outro. *Veja* pauta o STF ao mesmo tempo em que o STF pauta a *Veja*. Não há um membro sequer do Supremo Tribunal concedendo entrevistas ao jornal *Brasil de Fato* ou à *Agência Carta Maior*. A presença de um(a) ministro(a) nas páginas amarelas de *Veja* fortifica a revista mas igualmente garante ao/a ministro(a) um aumento em seu capital simbólico.

IHU On-Line - O senhor analisou a revista em dois momentos políticos: quando o país era governado por Fernando Henrique Cardoso e depois por Lula. Percebe diferenças no tratamento dos governos por parte da revista? Em que sentido isso ocorre?

Roberto Efreim Filho - Analisei, a propósito da dissertação, a presença da corrupção – ou do envolvimento de membros do campo político com organizações criminosas – nas capas da revista *Veja* nos dois últimos anos do primeiro mandato de cada um dos presidentes, ou seja, entre 1997 e 1998,

no que tange a Fernando Henrique Cardoso, e entre 2005 e 2006, no que concerne a Luís Inácio Lula da Silva. Entre 1997 e 1998, contei sete capas atinentes à corrupção, três no primeiro ano e quatro no segundo. Entre 2005 e 2006, a seu tempo, *Veja* publicou trinta e duas capas acerca dessa temática. Só no ano de 2005 foram vinte e uma capas. Consequentemente, o ano de 2006 ficou com onze dessas capas. Na produção total das edições da revista, os números apresentados consistem em percentuais relevantes: entre 1997 e 1998, aproximadamente 7% das capas das edições da revista tratavam daquele envolvimento de membros do campo político com o crime, porém, entre 2005 e 2006 chega perto de 30% das capas. Ano por ano, as porcentagens aproximadas são de 6% em 1997,

“A criminalização da política é um artifício simbólico de deslegitimação da política”

8% em 1998, 40% em 2005 e 21% em 2006. No ano de 2005, nota-se um dado específico: de maio a setembro, são dezesseis capas seguidas sobre corrupção. 2005 era, como notório, o ano anterior à campanha pela reeleição.

A priori, poder-se-ia chegar ao seguinte raciocínio: se o Governo Lula foi mais “corrupto”, natural é que *Veja* reproduza mais esse tema em suas capas. Todavia, nada de natural existe entre a “importância” do que ocorre no mundo e a “importância” qualificada pela revista para o que deve ou não compor suas matérias de capas. O “importante”, como já dito, é um bem simbólico sob conflito. No caso de *Veja* e da grande maioria dos meios de comunicação – todos partidos políticos, nas palavras de Gramsci –,¹ a corrupção se torna importante

1 Antonio Gramsci (1891-1937): político, filósofo e cientista político italiano. Sobre Gramsci, confira a revista IHU On-Line número 231, de 13-08-2007, intitulada *Gramsci, 70 anos*

porque se mostra como uma eficiente estratégia de disputa do Estado. O campo midiático encontra na “corrupção midiaticizada” um significativo *modus operandi* de empreender a luta política. Dá-se, entretanto, que o jornalismo impõe uma visão particular da política. A melodramatização jornalística, a qual cria “vilões” e “mocinhos” passíveis de manejo simbólico, prefere, segundo Pierre Bourdieu,² o combate ao debate, a polêmica à dialética, o enfrontamento entre as pessoas em detrimento do confronto entre seus argumentos. Os mecanismos de incidência do campo jornalístico sobre o campo política produzem uma visão cínica sobre o último. “Políticos” surgem como sujeitos merecedores de desconfiança, cheios de interesses não “desinteressados”, como os de *Veja* ou do STF. A corrupção ingressa nesse contexto como um reforço simbólico em conjunturas peculiares e encontra nele uma arena estruturalmente fecunda à sua reprodução. Certamente, o campo político não pode ser ingenuamente concebido como mera vítima desse processo. O modo como o campo político exerce censura ao limitar o universo do discurso político aos sujeitos iniciados e a forma como a “democracia” redundando num mercado eleitoral ratificam a incidência dessa visão cínica sobre a política. É a partir da edificação dessa conjuntura e como membro dominante do campo

depois. (Nota da IHU On-Line)

2 Pierre Bourdieu (1930-2002): sociólogo francês. De origem camponesa, filósofo de formação, chegou a docente na École de Sociologie du Collège de France, instituição que o consagrou como um dos maiores intelectuais de seu tempo. Desenvolveu, ao longo de sua vida, mais de trezentos trabalhos abordando a questão da dominação, e é, sem dúvida, um dos autores mais lidos, em todo mundo, nos campos da Antropologia e Sociologia, cuja contribuição alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano, discutindo em sua obra temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, linguística e política. Seu primeiro livro, *Sociologia da Argélia* (1958), discute a organização social da sociedade cabila, e em particular, como o sistema colonial interferiu na sociedade cabila, em suas estruturas e desestruturação. Dirigiu, por muitos anos, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* e presidiu o CISIA (Comitê Internacional de Apoio aos Intelectuais Argelinos), sempre se posicionando clara e lucidamente contra o liberalismo e a globalização. (Nota da IHU On-Line)

jornalístico que *Veja* garante tamanha “importância” à corrupção. Isso, notadamente, quando da derrota do PSDB nas urnas e da consequente perda por *Veja* de seus aliados históricos no Governo Federal.

Não quero dizer com isso que o governo Lula tenha sido mais ou menos “corrupto” que o governo FHC. Sobre a análise das capas, a meu ver, isso pouco “importa”: importa mais a predisposição estrutural de *Veja* em pautar a corrupção, fenômeno que melhor se manifesta no instante em que, no governo, a revista encontra adversários históricos.

IHU On-Line - O senhor percebe uma criminalização da política em nosso país? Qual a participação da revista *Veja* nesse sentido?

Roberto Efreim Filho - A criminalização da política é um artifício simbólico de deslegitimação da política. Esses artifícios se tornam eficazes sobremaneira se a hegemonia do campo político, tradicionalmente ocupada por membros das classes dominantes como *Veja*, é ameaçada por outros setores sociais, como é o caso do “Partido dos Trabalhadores”. Este, por mais que não se identifique diretamente com as classes populares e mais se aproxime de uma prática pequeno-burguesa burocratizada, como afirma Mauro Iasi, não pode ser confundido com o PSDB, o PFL, ou o que os valha. Ao criminalizar a política em 2005, no ano em que Lula é a imagem da política nacional, *Veja* intenta mais ou menos (in)conscientemente deslegitimar Lula, o Governo e o Partido dos Trabalhadores, conduzindo a corrupção para o centro dessa imagem.

Criminologia da denúncia

Veja desenvolve aquilo que Juarez Cirino dos Santos³ chama de “criminologia da denúncia”. Os interesses desinteressados da revista na temática

³ Juarez Cirino dos Santos: advogado brasileiro, docente na Universidade Federal do Paraná (UFPR), autor de, entre outros, *Teoria do Crime* (São Paulo: Acadêmica, 1993), *A Criminologia Radical* (2. Ed. Curitiba: ICPC Editora/Lumen Juris, 2006) e *Direito Penal – Parte Geral* (2. Ed. Curitiba: ICPC e Lumen Juris, 2007). (Nota da IHU On-Line)

do crime de colarinho branco enfocam o comportamento das elites para demonstrar que os sujeitos que fazem as leis são, também, os maiores violadores dessas leis. Trata-se de um “jornalismo *exposé*”, de origem pequeno-burguesa – bem por isso se aplica tão facilmente ao PT junto às classes medianas –, que alimenta os índices sobre o colarinho branco sem obter deles uma compreensão apta a reconhecer os elos entre a corrupção e as estruturas do espaço social. Seu resultado é aquilo que Santos define como “agonia resignada”, ou “espasmos de resignação moral”. O denunciamento de *Veja*, por exemplo, raramente alcança os membros das grandes corporações criminosas. O “mensalão”, alvo das capas do ano de 2005, nada atinge senão a pequena burguesia praticante de uma dimensão inferior da criminalidade do colarinho branco e, evidentemente, o público consumidor da publicação. A eficácia simbólica do mensalão está muito mais em chocar as classes médias urbanas e seus intelectuais do que em extirpar o fenômeno criminal. Faz-se como prestação de contas morais para com as classes sociais educadas sob os princípios liberais. Não deixa de ser um meio eficaz de criação de soluções fáceis para os problemas sociais com os quais o espírito humanitário do iluminismo se desconforta. No fim, procede-se a uma mistificação das correlações de forças que atravessam e sustentam o Estado, de modo a fazer identificar a corrupção com o sujeito corrupto – recriando assim a figura do “vilão”, uma justificativa do estabelecido – quando seus determinantes sociais vão muito além da desonestidade de um ou outro Delúbio Soares⁴.

IHU On-Line - Como define a postura da revista *Veja* no cenário nacional?

Roberto Efreim Filho - A revista *Veja* é um sujeito pertencente às classes

⁴ Delúbio Soares de Castro: conhecido nacionalmente como tesoureiro do Partido dos Trabalhadores. Esteve no centro das discussões de corrupção no Brasil após o escândalo do mensalão. Antes de ser tesoureiro do PT, foi também sindicalista e tesoureiro nacional da CUT, além de coordenador das campanhas presidenciais de Luiz Inácio Lula da Silva em 1989 e 1998. Passou a ser tesoureiro do Partido dos Trabalhadores em 2000. (Nota da IHU On-Line)

dominantes. Faço questão de notar a palavra “sujeito” porque entre as esquerdas têm-se caído no equívoco de conceber *Veja* como um mero “instrumento” dessas classes, coisa advinda, sobretudo, de certa tradição intelectual mecanicista, vulgarizada do marxismo e incapaz de discutir os meandros da arquitetura hegemônica das classes dominantes. *Veja* é um membro dessas classes cuja dominância no campo jornalístico é tanta que ela já não tem certos pudores – comumente necessários às mediações sociais – em ofender alguns emblemáticos símbolos das esquerdas. Na edição de 3 de outubro de 2007, por exemplo, a revista publicou uma das mais polêmicas matérias de capa de sua história, que tinha como título “Che. Há quarenta anos morria o homem e nascia a farsa”. Entre as declarações de Che⁵ sobre o revolucionário, encontramos esta: “Como homem de carne e osso, com suas fraquezas, sua maníaca necessidade de matar pessoas, sua crença inabalável na violência política e a busca incessante da morte gloriosa, foi um ser desprezível”. Numa matéria sobre o ensino escolar privado no Brasil, de 20 de agosto de 2008, *Veja* afirma que os/as nossos(as) professores(as) “idolotram personagens arcanos sem contribuição efetiva à civilização ocidental, como o educador Paulo Freire,⁶ autor de um método de doutrinação esquerdista disfarçado de alfabetização”. Mais tarde, na mesma matéria, a revista demonstra indignação diante do fato de que entre os/as professores(as) brasileiros(as), Freire é mais popular que Einstein,⁷ quem

⁵ Sobre Ernesto Guevara de la Serna, confira a revista IHU On-Line número 239, de 8-10-2007, intitulada *Che Guevara*. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Confira a revista especial número 223, intitulada *Paulo Freire. Pedagogo da esperança*, publicada em 11-06-2007. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Albert Einstein (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiada com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas idéias sobre a natureza corpuscular da luz. É provavelmente o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista IHU On-Line, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*. A publicação está disponível no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (www.unisinos.br/ihu). A TV Unisinos produziu, a pedido do IHU, um vídeo de 15 mi-

Veja apresenta como “talvez o maior gênio da história da humanidade”, não citando que, conquanto “genial”, Einstein foi também comunista – dado este comprovado por István Mészáros⁸ no seu *O poder da ideologia*.

As afirmações de *Veja* a respeito de Che e Paulo Freire são emblemáticas porque alcançam sujeitos cuja importância para a esquerda brasileira é inquestionável, mas ainda mais porque tanto Che quanto Freire vêm sendo sistematicamente absorvidos pelo discurso hegemônico. A “heroificação” do mito de Guevara sofreu uma cooptação tal que de símbolo da revolução, entre as esquerdas, Che se transformou em objeto de consumo pela indústria cultural. Paulo Freire, por sua vez, foi hegemonicamente transformado em referência basilar para qualquer discurso ligado à lógica do “terceiro setor”, ou da “caridade social”, coisas bastante distintas do socialismo da “Pedagogia do oprimido”. *Veja*, ao contrário, não se dá sequer ao trabalho de corresponder ao modo como a indústria cultural – campo que a revista também compõe – lida com esses sujeitos. A autonomia historicamente conquistada pelo veículo, autonomia esta resultante de seus números de vendas e também das lutas simbólicas das quais sai vitoriosa, engendra uma maior liberdade para traçar com suficiente clareza aliados e adversários, ao mesmo tempo em que ainda consegue se legitimar como a defensora intransigente do Brasil. Como resultado, quem defende o Brasil, não pode defender Che, Freire ou o Partido dos Trabalhadores, embora seja necessário notar que para cada um desses sujeitos *Veja* exerce uma tática simbólica específica.

IHU On-Line - Recorrendo a obras de Jesús Martin-Barbero e Walter Benjamin, que relações o senhor estabe-

nutos em função do Simpósio Terra Habitável, ocorrido de 16 a 19-05-2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos participou, concedendo uma entrevista. (Nota da IHU On-Line)

⁸ István Mészáros: filósofo húngaro, considerado um dos mais importantes intelectuais marxistas da atualidade. Professor emérito da Universidade de Sussex, na Inglaterra. Escreveu, entre outros, de *Para além do capital. Rumo a uma teoria da transição* (Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Boitempo, 2002) e de *Poder da ideologia* (São Paulo: Boitempo, 2004). (Nota da IHU On-Line).

lece entre os meios de comunicação, as mediações sociais e o crime?

Roberto Efrem Filho - Antes de falar propriamente do crime, julgo fundamental discutir um pouco sobre a correlação entre a corrupção midiaticizada e aquela homologia estrutural entre o campo jurídico e o campo midiático. Concluí, nos desfechos da dissertação, que o aumento da aparição do Supremo Tribunal Federal nas páginas de *Veja* está umbilicalmente vinculado ao aumento da tematização da corrupção nessas páginas. Por certo, nem sempre o assunto que leva o Tribunal a *Veja* é a corrupção, mas a conjuntura política em que a revista exerce a valorização do direito é a mesma em que a revista criminaliza a política. A capa de 5 de setembro de 2008 diz muito a esse respeito. *Veja* define o ministro Joaquim Barbosa, o membro do STF relator do caso do mensalão, como um herói nacional. Dedicava boa parte da correlata matéria à vida do ministro, aos seus 700 CDs de música clássica, ao preparo do seu café da manhã, aos seus ternos comprados em Los Angeles e Paris etc. Como é próprio dos meios de comunicação, *Veja* converte o ministro numa estrela e o julgamento num espetáculo, dimensões nas quais a mídia é inclusive mais habilidosa. Se a política é criminalizada e, portanto, “vilanizada” e é o Judiciário o competente para punir o crime, a valorização do direito torna-se mais compreensível.

Política de combate ao crime

A política de combate ao crime, ou seja, da defesa social, constitui-se inexoravelmente como uma política classista de controle social. A melodramatização do crime levada a cabo pela indústria cultural recria o disciplinamento tratado por Foucault⁹ em *Vigiar e punir*. Diante da

⁹ Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes,

televisão, das páginas da revista, do símbolo enfim, as massas – dentre as quais está a classe trabalhadora – são disciplinadas. Porém, aqui a disciplina não é o contrário do suplício. Ironicamente, o suplício tornado estético e imagem disciplina as massas, auxilia na criação de delinquentes e da ideologia da ameaça permanente responsável pela reprodução da desconfiança universal. Os aparelhos de repressão são valorizados e a mídia encontra lugar entre eles. Os meios de comunicação jogam com o panóptico, são vistos pela massa no que não lhes compromete, mantendo-se capazes de enxergar essa massa. Tudo isso se dá, todavia, através de mediações sociais. A melodramatização das relações, a criação de vítimas, vilões e heróis é a prática por meio da qual as relações de poder se reanimam. Estruturalmente, a sociedade capitalista requer heróis – nenhum desses heróis, contudo, foge à fabricação dos consensos necessários à hegemonia.

LEIA MAIS...

>> Efrem Filho já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. O material está disponível na nossa página eletrônica http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1186

Entrevista:

* “A” verdade jurídica é um monopólio. A transferência da política para o direito. Publicada na edição número 266, de 28-07-2008, intitulada *Movimentos sociais. Criminalização é um atentado à democracia*.

uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004 e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para *download* na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em Formação*. (Nota da IHU On-Line)

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 05-05-2009 a 08-05-2009.

Os impactos da crise financeira na América Latina. Desafios e possibilidades

Entrevista com Bernardo Kucinski

Confira nas Notícias do Dia 05-05-2009

“Obama está desmontando o sistema de criminalização do regime cubano aos poucos, mas de forma lenta, gradual e segura. Podia ser bem mais rápido e significativo”, avalia o professor e jornalista.

“A Amazônia é um grande empório, mas nós vamos pagar o preço”

Entrevista com Mario Menezes

Confira nas Notícias do Dia 06-05-2009

O estudo *A hora da conta: pecuária, Amazônia e conjuntura* (<http://www.amazonia.org.br/arquivos/308285.pdf>), recentemente publicado, mostra que a pecuária é uma das culturas responsáveis pelo avanço do desmatamento da floresta Amazônica. “Estamos trocando a Floresta Amazônica por grão e carne que poderiam continuar sendo produzidos em outras regiões”, afirma o diretor-adjunto da Ong Amigos da Terra.

O milagre Guarani

Entrevista especial com José Roberto de Oliveira

Confira nas Notícias do Dia 07-05-2009

Um verdadeiro milagre para a humanidade. Assim é considerado o conjunto de feitos dos povos Guarani, desde que começaram sua migração, há oito mil anos, até o seu desenvolvimento na região missioneira. Sua história esteve, por muito tempo, escondida mas parte dela é revelada nesta entrevista.

Crack: uma epidemia que tomou conta do RS

Entrevista com Sérgio Ramos

Confira nas Notícias do Dia 08-05-2009

O problema das drogas começa, geralmente, com o álcool. Embora considere também que o Rio Grande do Sul vive uma epidemia do crack, as ações políticas, segundo ele, precisam se concentrar no início do problema, ou seja, construindo políticas de erradicação do consumo de álcool por menores de idade.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu. Publicada em 06-05-2008

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

**Leia as Notícias
do Dia em
www.unisinos.br/ihu**



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista





UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



Eventos da Semana

Crise, políticas públicas e transferência de renda

POR GRAZIELA WOLFART

Na próxima quarta-feira, dia 13 de maio, será realizado na Unisinos o **Seminário Crise, políticas públicas e transferência de renda**. Trata-se de um evento em parceria do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, com o Curso de Serviço Social da Unisinos, com o Conselho Regional de Serviço Social (CRESS) e a Secretaria Municipal de Assistência, Cidadania e Inclusão Social de São Leopoldo (SACIS). As palestras acontecem nos turnos da tarde e da noite na sala 1G119 do IHU.

O **Seminário Crise, Políticas Públicas e Transferência de Renda** se constitui como um importante espaço de debate, considerando que a realidade contemporânea está marcada por uma profunda e complexa crise, que impacta o mundo e necessita ser melhor analisada em suas especificidades no contexto brasileiro e gaúcho. Além disso, os indicadores revelam mudanças nas realidades das famílias, municípios e regiões brasileiros, promovidas pelos programas de transferência de renda, que necessitam ser caracterizadas e contextualizadas nos cenários de desenvolvimento e das políticas públicas contemporâneas.

Os trabalhos iniciam às 14h30min, com o painel “Conhecendo e analisando a realidade dos programas de transferência de renda”, quando o secretário Charles Roberto Pranke, da Secretaria Municipal de Assistência, Cidadania e Inclusão Social de São Leopoldo fará um relato da experiência de transferência de renda do município. Em breve conversa por telefone com a **IHU On-Line**, Charles adianta a linha geral de sua contribuição para

o debate. Ele falará sobre o Programa de Auxílio Solidário, um programa de transferência de renda municipal e exclusivo, que existe em São Leopoldo desde 2005. Atualmente, o programa atende aproximadamente 1500 famílias, que recebem uma bolsa de R\$ 117,00 por mês, para que tenham o mínimo necessário para viver. Paralelo a isso, explica Charles, é realizado um processo de formação com essas pessoas. Foram criados grupos de formação dentro dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) do município, divididos em dois canais: um resolve mais as questões cotidianas, da realidade diária das pessoas beneficiadas; e o outro atende a questão motivacional, de estímulo a esta parcela da população que acabou excluída da sociedade. “Ajudamos nas questões de documentação, no sentido da formação cidadã, e tentamos recuperar a autoestima deles, fazendo-os visualizar que amanhã pode ser um dia diferente. A grande maioria do nosso público não tem emprego, e eles tomam cachaça ou consomem drogas não porque querem, mas porque não conseguem visualizar nada na frente, por isso não estão nem aí, só importa o hoje. Por isso precisamos criar esse mecanismo de motivação”, explica o secretário.

Em seguida, a Profa. Dra. Isabel Noemia Junges Ruckert, da Fundação de Economia e Estatística (FEE – RS) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), falará sobre a pesquisa que está sendo concluída acerca dos programas de transferência de renda do Rio Grande do Sul. Ela trará dados estatísticos sobre

o Bolsa Família e o Benefício Prestação Continuada (BPC). Este último está garantido como direito pela Constituição Federal de 1988 e tem como beneficiários idosos e portadores de deficiência que possuem baixa renda. A pesquisa quantifica os números desses programas de transferência de renda no Brasil, mas tem o foco no Rio Grande do Sul. Isabel explica que também foi verificada a questão do cumprimento das condicionalidades de educação e saúde colocadas aos beneficiários do Bolsa Família, lembrando que o BPC não impõe nenhuma condicionalidade. A professora apresentará aos participantes do Seminário uma amostra de alguns municípios pesquisados em relação à quantidade de recursos do Bolsa Família e do BPC que está sendo destinada para eles. “Basicamente trarei dados, informações estatísticas, enfatizando efetivamente a situação no Rio Grande do Sul.” Isabel ainda destaca como informação interessante o dado de que a maior parte dos recursos do Bolsa Família vai para o Nordeste e que o percentual destinado ao sul é muito pequeno em relação ao total nacional, visto que o maior número de famílias pobres brasileiras está no Nordeste. A professora lembra que, apesar do BPC existir desde 1988, ele não é muito difundido. “O Bolsa Família não é um programa constitucional. O próximo presidente pode acabar com ele se quiser. E o BPC oferece como pagamento um salário mínimo, ou seja, o pagamento de recursos – se analisarmos do ponto de vista de quem recebe – é muito maior do que o Bolsa Família”, compara, ao informar que no Brasil são 11 milhões de famílias beneficiadas por esse último

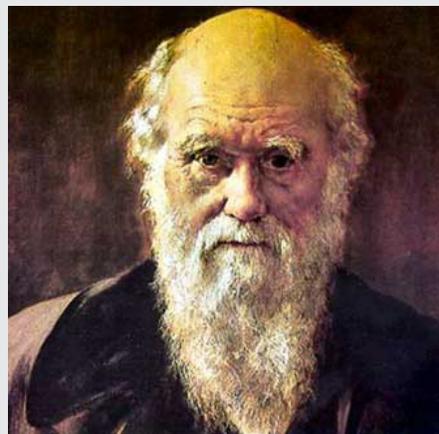
programa, que paga de R\$ 20,00 a R\$ 182,00 por mês.

A partir das 16h, acontece um debate sobre as realidades e possibilidades dos programas de transferência de renda, com a participação especial da debatedora Profa. Dra. Mara Rosange Acosta de Medeiros, que concluiu sua tese de doutorado sobre o tema da transferência de renda no ano passado. A partir do que o secretário Charles e a professora Isabel apresentarem, Mara levantará um debate sobre as condicionalidades dos programas de transferência de renda. Ela analisa as contrapartidas e exigências feitas pelo Estado aos beneficiários dos programas. “Vou levar para a discussão a seguinte questão: se é um direito o acesso ao benefício por que exigir contrapartidas e condicionalidades? Por exemplo, por que é pedido como garantia de acesso aos benefícios desses programas a manutenção das crianças na escola, ou os exames de acompanhamento pré-natal nas gestantes, como uma obrigação que o Estado impõe? Se ele prestasse esses serviços com qualidade não haveria por que obrigar as pessoas a procurar por eles” adianta Mara aos leitores da IHU On-Line.

E das 17h às 18h30min será realizado um IHU Ideias Especial intitulado “O Império e a Multidão no contexto da crise atual”. Quem conduz o tema é o Prof. Dr. Giuseppe Mario Cocco, da UFRJ, que tem posicionamentos bastante inovadores em relação à transferência de renda.

O evento culmina com uma mostra das experiências de programas de transferência de renda no saguão do Auditório Central da Unisinos e com a palestra de encerramento, também ministrada pelo professor Giuseppe Cocco, intitulada “Crise, políticas públicas e transferência de renda”.

O evento é gratuito e aberto para a comunidade em geral. Mais informações podem ser obtidas em www.unisinos.br/ihu.



ESTÃO ABERTAS AS
INSCRIÇÕES PARA
O IX SIMPÓSIO
INTERNACIONAL IHU:
ECOS DE DARWIN, QUE
ACONTECE DE 9 A 12
DE SETEMBRO. FAÇA
SUA INSCRIÇÃO AGORA:
[WWW.UNISINOS.BR/
IHU.](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Perfil Popular

Maria Leoni Sauter Hennemann

POR GRAZIELA WOLFART | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Natural do município de Morro Reuter, no Rio Grande do Sul, e filha de descendentes de imigrantes alemães e italianos, Maria Leoni Sauter Hennemann aprendeu com os antepassados uma lição que carrega por toda a vida: honrar o solo em que pisa. É por essa razão que ela e seu marido Walério vivem a causa ambiental e o amor pela terra no sítio ecológico Lewa Esperança, adquirido há quase 30 anos pelo casal. Moradora de Novo Hamburgo/RS, Maria Leoni participou da Feira de Artesanato realizada na Unisinos na semana passada, quando contou à IHU On-Line um pouco da sua trajetória e dos valores que regem sua vida e de sua família. Confira:



“Éramos uma família de pequenos agricultores, com nove filhos. O pai e a mãe tinham muita dificuldade, inclusive financeira, porque não se tinha dinheiro. Mas sempre fomos e seremos uma família feliz e unida, porque aprendemos valores que continuamos defendendo até hoje.” Assim Maria Leoni Sauter Hennemann, 61 anos, decide iniciar a contar sua história de vida para a editoria Perfil Popular desta semana. Entre os valores aprendidos em casa, ela destaca, em primeiro lugar, a humildade. “Isso é o básico, nos leva para qualquer lugar. E humildade quer dizer o seguinte: nunca se sabe tudo, sempre se tem a aprender.” Durante a feira de artesanato de que participou na semana passada na Unisinos, comercializando produtos orgânicos produzidos no sítio próprio que ela e o marido possuem, Leoni destaca que cada feirante tem a sua história. E o que gratifica é que eles vão até o estande dela e comentam que ali tem praticamente todas as coisas que lembram a infância de cada um: a

“Vimos de berço com essa ideia de conservar os conhecimentos”

bergamotinha, a laranja, o doce em calda, ou até a schmier¹ de fruta.

“Vimos de berço com essa ideia de conservar os conhecimentos”, justifica Leoni. Ela lembra que, na época da infância, tudo era muito artesanal, até porque não havia tecnologia. E a questão do cultivo orgânico vem de lá. “Que bom que não tinha agrotóxicos, não tinha sacolas de plástico. Tudo praticamente era retornável. Naquela época não se comprava nada na bodega. Se fazia tudo em casa.” Leoni conta que foi em casa que aprendeu o valor da família. “Isso sempre foi precioso. Nove filhos, o pai e a mãe mais a avó somavam 12 pessoas em casa. Nossa mesa era composta completa no café da manhã, no almoço e na janta.

¹ Schmier: palavra alemã que denomina geleias caseiras. (Nota da IHU On-Line)

Todos juntos e no primeiro momento todos faziam silêncio e alguém puxava a oração. Geralmente era a avó quem fazia, por ser a pessoa mais velha, e era em alemão. E todos rezavam”, relata, ao frisar que o mais velho representa o saber, o conhecimento, e todos devem respeito a essa pessoa.

Maria Leoni é pedagoga e tem experiência na área de educação de mais de 40 anos. Ela reconhece que as crianças hoje não têm mais limites. “Nunca se escreveu tanto sobre o respeito aos limites como agora. Nunca se debateu tanto esse assunto. Só que na prática o que vemos é o contrário. Parece que as pessoas não estão se entendendo. Existe uma ruptura muito grande entre o saber escrito e o fazer do dia-a-dia”, lamenta, comparando com o respeito que as crianças tinham no passado.

Maria Leoni e seu marido Walério possuem há 29 anos uma propriedade ecológica, um sítio, de 75 mil metros quadrados, localizado no município de Portão/RS. Além do casal, lá trabalham um funcionário,



>> ACIMA, MARIA LEONI COM O NETO VÍCTOR E, AO LADO, O ESPOSO WALÉRIO



durante quatro horas por dia, e o sogro do filho de Leoni e Walério, que é o seu José, como voluntário. “Nós temos normas e regras. Só que elas não são escritas. Nós as vivenciamos na prática. Para isso, também existe a questão dos limites. As pessoas esquecem que limites não se dão apenas para as crianças, mas para os adultos também. As crianças simplesmente imitam o que observam. Não adianta um pai, uma mãe, uma avó pregar algo para uma criança e depois fazer outra”, argumenta.

Durante 20 anos, a família trabalhou na preparação do sítio para um dia começar a mostrar os resultados da produção para as pessoas. E o tempo dedicado a esse trabalho era apenas aos sábados, domingos e feriados, uma vez que durante a semana Leoni trabalhava na escola, como pedagoga, e seu marido era mecânico automotivo, como funcionário de mais de 30 anos na mesma empresa. O casal nunca precisou fazer nenhum empréstimo para manter a propriedade. “Trabalhamos com sustentabilidade desde o começo. Basicamente, para nós, isso significa o seguinte: sempre gastar menos do que a gente ganha. A saída sempre deve ser menor do que

a entrada. É simples. Isso também se aprendeu de berço.”

Família

Leoni e seu marido Walério se conheceram em Gramado, na época em que ela estudava no internato, na Escola Dom Pedro II, e ele foi até lá com alguns amigos para testar um carro. Foram se aproximando e se apaixonaram. O casamento foi em 1970. Três anos depois, nasceu Fabiano, único filho do casal, que lhes deu um neto, o Victor, de três anos de idade. Fabiano é engenheiro eletricista, com mestrado na mesma área. Depois de trabalhar por mais de 12 anos na Unisinos, atualmente ele trabalha na SAP,² que também fica no câmpus da universidade. Victor estuda na Escolinha Canguru,³ na Unisinos, com quem o sítio Lewa Esperança tem uma parceria por meio de organização de feiras. A nora de Leoni, Ilce Duarte, que é a mãe de Victor, trabalha na Unisinos,

² SAP: multinacional alemã com uma de suas unidades em operação dentro da Unisinos. (Nota da IHU On-Line)

³ Escola de Educação Infantil Canguru: situada dentro do Câmpus da Unisinos, integra educação e lazer para crianças de 0 a 6 anos, com projetos pedagógicos temáticos. (Nota da IHU On-Line)

e é uma mãe exemplar, segundo a sogra. “Estamos muito felizes como avós porque o Victor está sendo muito bem educado, ele está tendo uma boa base familiar.”

As sogras

“Eu e minha nora temos uma boa relação”, garante Leoni, que lamenta o fato de as sogras na sociedade serem sempre ridicularizadas. E ela gostaria de dar um recado para todas as sogras: “Para ter uma boa relação, é preciso entender que, no momento em que o filho casa, ele forma uma outra família. E a mãe do filho tem que respeitar este espaço. Às vezes, até eles seguem outros princípios e, com isso, a gente pode aprender. E eu aprendi muito depois que meu filho constituiu a família dele. A mãe do filho tem que deixar inclusive eles errarem e isso é muito difícil. E esperar que eles peçam ajuda. As mães não podem ser antecipar para as ajudas nesse caso, porque é no erro que a gente aprende”.

Leoni e Walério, depois do casamento, foram morar na cidade de Novo Hamburgo, onde estão até



>>FABIANO E ILCE COM O FILHO VICTOR



hoje. Eles sentiam falta do contato com o campo com que eram acostumados. E não queriam perder esse vínculo com o meio ambiente, com a postura que aprenderam. Por isso, decidiram comprar um pedaço de terra. Outro plano era que esse seria o local onde eles passariam o tempo depois da aposentadoria. Começaram com 1,7 hectares e foram ampliando aos poucos, até chegar aos 7,5 atuais. Hoje, a família segue na propriedade os princípios da permacultura, que é o respeito ao solo, ao ar e às plantas, sendo que o ser humano se localiza no ambiente sem degradá-lo. O nome do sítio, Lewa Esperança, é a sigla de Leoni e Walério.

Desde 2000, eles comercializam os produtos elaborados no sítio. E a procura é grande, garante Leoni. Eles vendem uma grande variedade de verduras, ovos de colônia, frutas, tudo sem agrotóxico. Para adquirir os produtos, basta procurar a residência do casal, localizada em Novo Hamburgo, na Rua Tapes, nú-

mero 565, ou a ir até o sítio, que fica na Estação Tafona, em Portão. Para conhecer a propriedade, é preciso agendar uma visita pelo telefone 3593.1094 ou pelo e-mail lewaesperanca@terra.com.br. Lá, tem a “Casa do conhecimento”, para quem quiser conhecer. Trata-se de uma casa antiga, que Leoni e o marido restauraram, levando para lá todos os objetos dos seus antepassados, que lembram os imigrantes alemães e italianos. “O berço em que eu e meus irmãos dormimos está lá. O guarda-roupa da mãe, a bengala do pai, roupas, malas de garupa, fotografias de época”, descreve.

Formação

Formada em Pedagogia pela Fevale, Leoni ainda tem pós-graduação em Ensino Especial pela UFRGS, e especialização em Áudio Comunicação, pois trabalhou um período com crianças surdas. Ela conta que sempre teve uma preocupação com a questão da aprendizagem. Percebia que muitas crianças levavam

mais tempo para aprender do que as outras, tinham o seu tempo e ela queria entender isso. Quando se aposentou, em 2000, Leoni começou a cursar Paisagismo na Escola Perau do Encanto, de Nova Petrópolis/RS. Além disso, ainda concluiu em 2005 o curso de agroindústria familiar. E atualmente faz um curso de formação do educador coletivo.

Fé

Leoni e a sua família são católicos. Mas ela confessa que vê a religião católica com preocupação, até porque muitas vezes “é só de aparência”. “Religião e fé independem de prédio. A fé deve fazer parte do dia-a-dia, das atitudes de vida da gente. Na prática.” Ela confessa que não vai à missa todos os domingos, mas vive sua fé todos os dias da semana. Para Leoni, a fé se vive na relação com o outro. “Respeitar o outro na sua caminhada e não pegar nada que não me pertence, são meus princípios de vida.”

IHU Repórter

Adriano Braun Domingos Xavier

POR MÁRCIA JUNGES | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

De funcionário da extinta Cooperpark, varrendo estacionamentos, pintando o meio-fio e esvaziando lixeiras, a Mestre de Cerimônias da Unisinos, graduado em Relações Públicas e responsável pelas formaturas na universidade. A trajetória de Adriano Braun Domingos Xavier serve como um case perfeito de determinação aos objetivos traçados. Alegre, comunicativo e realizado pessoal e profissionalmente já aos 29 anos, ele conversou com a **IHU On-Line** e contou um pouco mais sobre quem é, seus sonhos, o que gosta de fazer e naquilo e naqueles em quem acredita. Confira a entrevista.



Novo sobrenome - Tenho 29 anos, sou casado com uma fascinante e exemplar mulher, uma pessoa muito especial, minha grande companheira, a Anelise Nunes Xavier, também funcionária da Universidade. O sobrenome Xavier é dela. Optei por adicioná-lo ao meu nome, no dia em que fazíamos a papelada no Registro Civil. Ela permaneceu com o nome igual. O celebrante do nosso casamento civil e religioso, Pe. José Ivo Follmann, ressaltou esse fato de forma bem-humorada quando casamos. Conhecemos-nos em 1998, antes de sermos colegas na Unisinos. Um mês depois de começarmos a namorar, ela fez uma seleção e foi admitida como funcionária da universidade. Eu comecei aqui em 2002.

Origens - Nasci no bairro Rio dos Sinos, em São Leopoldo. Residi até os 24 anos com meus pais. Saí de casa após o meu casamento com minha adorável esposa. Atualmente, moro em um bairro próximo da Unisinos, facilitando muito nossa vida.

Vestibular - Comecei a trabalhar com 14 anos, em uma casa lotérica, na época chamada Tabacaria Cristal. Após esta, passei por mais duas casas lotéricas, Tabacaria Central e Lotérica Trevo. Depois de um tempo, passei a idealizar e almejar ser admitido na Unisinos e cursar uma faculdade. Terminei o Ensino Médio no “Pedrinho”, à noite. Quando trabalhava na Lotérica Trevo, comecei a prestar vestibular. Cheguei a tentar os cursos de Administração de Empresas, influenciado por meu irmão Adroaldo, e depois o de Publicidade e Propaganda, mas não consegui obter aprovação. Após fazer um curso preparatório, consegui passar para Relações Públicas. Aos poucos, fui conhecendo e entendendo o que é, e o que se faz nesta profissão, apaixonando-me pelo que estava estudando. Identificava-me com os conteúdos, que condiziam com meus interesses. O problema era meu salário na lotérica, que não cobria as despesas do curso. Meus pais, sempre grandes incentivadores e apoiadores em meus sonhos e na construção do

meu ser, não possuíam condições financeiras para me auxiliar. Então, eu fazia apenas uma disciplina. Era um “turista” na Unisinos, me sentia muito distante, vindo apenas uma vez por semana para o campus.

Trajectoria - Então, a Anelise, à época minha namorada, me ligou num certo dia, para meu trabalho na Lotérica Trevo, avisando que havia aberto vaga para a Cooperpark, empresa esta que cuidava dos estacionamentos da universidade antigamente. Mesmo não sendo funcionário da Unisinos, aceitar essa vaga foi uma forma de eu entrar na universidade. Eram quatro horas diárias, com um salário de R\$ 200,00 e a isenção de uma disciplina na graduação. O trabalho era noturno, e por isso tive até que mudar o horário das aulas para a manhã. O primeiro dia foi muito difícil: era o tempo todo de pé, até perto das 23h, algo bem desgastante. Eu não estava acostumado com isso. Mas superei as dificuldades com o apoio dos meus pais e da família da Anelise, que não me deixaram

desistir. Alguns meses depois, troquei de turno para a manhã, com 8 horas de trabalho e o salário dobrado, incluindo duas disciplinas pagas. A exato um mês antes de a empresa Safe Park assumir os estacionamentos, no lugar da Cooperpark, meu chefe, na época o Sr. Pedro Barcellos, indicou-me uma oportunidade que surgia na Unitec, com o professor Edegar de Paula, na época gerente da Unitec, para trabalhar na secretaria. Não esqueço a alegria que senti quando o setor de Recursos Humanos me ligou dizendo que eu havia sido o selecionado.

Mestre de Cerimônias - Fiquei na Unitec por cerca de três anos. Conheci dezenas de pessoas pelo câmpus, de várias áreas da universidade. E foi nessa época que iniciei alguns trabalhos em formaturas, dentro do Anfiteatro Pe. Werner, como uma espécie de segurança, controlando o fluxo de público e recepção. Aproximadamente no ano de 2005, o colega Rodrigo Justos, que era responsável pelas formaturas, convidou-me para ser Mestre de Cerimônias. Eu não sabia o que era isso. Mas ele me disse que eu tinha perfil para a função. Fiz uma capacitação com várias oficinas e tornei-me um dos Mestres de Cerimônias oficiais da Unisinos, executando formaturas e outros eventos. De lá para cá, continuo nessa atividade. No primeiro evento que atuei, eu nem acreditava. Estava compondo a mesa, ao lado do reitor e de outras autoridades. Um pequeno filme se passou na minha cabeça: lembrei de quando eu trabalhava na lotérica, depois nos estacionamentos, varrendo chão, pintando cordões e limpando lixeiras. Tenho orgulho disso.

Sempre em busca do crescimento pessoal e profissional, aliando o objetivo de podendo colaborar cada vez mais com a Universidade, saí da Unitec e fui para o setor de Registros Acadêmicos, onde conheci o Sr. Eusébio Schneider, onde assumi uma função no atendimento ao público estudantil. A este gestor, tenho eterna gratidão por seu incentivo ontem e hoje. Ele foi quem confiou e me auxiliou desde o início, foi um exímio professor em minha vida, contribuindo



>> ADRIANO COM OS PAIS PEDRO E ELENA

muito para o meu crescimento pessoal e profissional. É uma pessoa muito humana, bondosa. Ele cuida dos seus funcionários e preza por eles. Ajuda-os a crescer. Não posso, aqui, deixar de mencionar, os grandes amigos que fiz neste setor, pessoas importantes que marcaram e ainda marcam minha vida, com suas belas e singelas amizades.

Formatura - Em 8 de agosto de 2008, formei-me como Relações Públicas. Recebi, então, o convite do Prof. MS Carlos Alberto de Oliveira Cruz, Gerente da Gerência de Assuntos Estudantis, para assumir a função de responsável pelas formaturas da universidade. Eu me perguntava se aquilo estava mesmo acontecendo. Questionei-me se eu tinha capacidade para isso. E assim, no dia 11 de agosto, três dias após minha formatura, assumi o novo cargo.

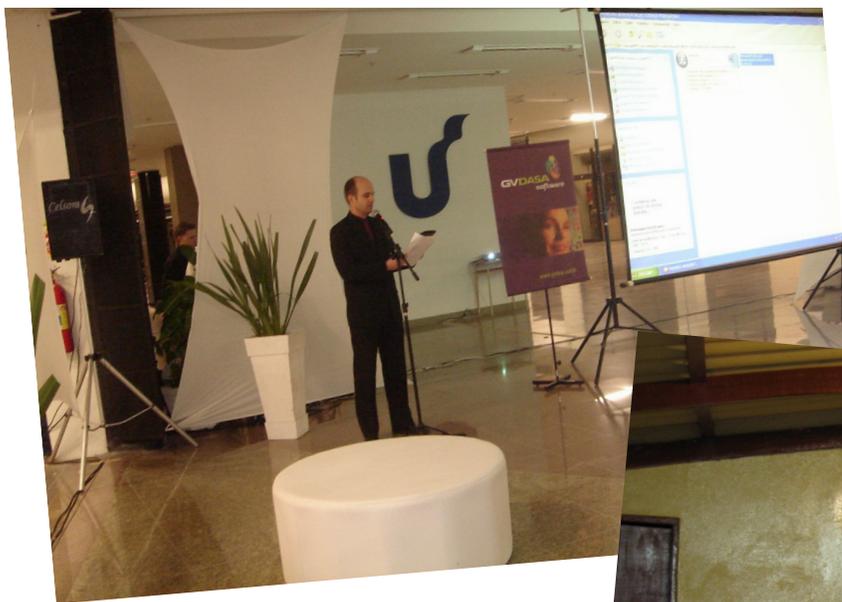
MBA e Filhos - Minha próxima meta é cursar um MBA, talvez o MBA em Administração da Tecnologia da Informação, o que acredito que irá me qualificar mais para minhas tarefas e aprimorar os meus conhecimentos, podendo assim contribuir ainda muito mais para a Universidade. Tenho uma enorme vontade de ser pai, mas este

ainda não é o momento. Precisamos ter mais estrutura para oferecer ao bebê. Ter um filho hoje implica em poder criá-lo com condições apropriadas, pois este nosso mundo está tão “às avessas”!

Esportes - Gosto de atividades físicas, e agora estou retomando essa prática. Jogo futebol de salão todos os sábados, com um grupo de amigos, e gosto de andar de bicicleta, às vezes jogo vôlei com alguns colegas aqui da Universidade, no Complexo de Esportes do câmpus.

Música - Meu maior passatempo é a música. Adoro todos os tipos. Cheguei até a ser um DJ amador, digamos. Na família da Anelise sou conhecido como DJ, por alguns. Eles adoram festas e possuem um equipamento legal e apropriado, com o qual em algumas vezes coloco som.

Família e fé - Sou luterano de casa. Depois do casamento, tornei-me católico. A tradição jesuíta sempre me chamou muita atenção. Não sou muito de ir à igreja, mas quando posso sempre vou com a minha esposa. Acredito em Deus e rezo para ele, lá no meu cantinho, em casa. Creio que sou



>> ADRIANO ATUANDO
COMO MESTRE DE CERIMÔNIA



>> ACIMA, COM A ESPOSA,
ANELISE, E, AO LADO, COM A
FAMÍLIA

muito abençoado por tudo o que vivi e conquistei até aqui. Sinto-me vitorioso em relação à minha vida. Minha família é o pilar desse sentimento: meu pai, Sr. Pedro Custódio Domingos, e minha mãe, Elena Braun Domingos, são minha fonte de inspiração e perseverança. Sou o que sou hoje graças a todos os esforços e dedicação deles despendidos a mim e a meu irmão. Meu irmão, Adroaldo Braun Domingos, é um grande amigo e companheiro, meu confidente. Considero a família da Anelise como minha segunda família. Minha sogra, Dona Maria em especial, é uma pessoa maravilhosa, sem igual, minha segunda mãe de verdade. Meu sogro, Sr. Osmar, também é ótimo. Não posso deixar de comentar também sobre a cunhada de minha esposa, a Débora Becker Antunes

Xavier, pessoa de grande influência em vários momentos de minha trajetória e também seu esposo, meu cunhado Alan Nunes Xavier, grande companheiro e amigo. Mas minha sogra e a avó da Anelise, Dona Celita, são únicas, pessoas que não medem esforços para me apoiar.

Política - Como adoro lidar com pessoas, cheguei a cogitar em ser vereador. Mas não levei a ideia adiante. Quanto à política em nível macro, estou decepcionado. Isso que estamos vendo e vivenciando no dia-a-dia é absolutamente vergonhoso. Às vezes, penso em anular meu voto, ou votar em branco. Mas, se eu fizer isso, estarei corroborando esse estado em que estão as coisas, crise, corrupção, roubo, fraude. E com isso não posso concordar.

Meu voto continua sendo meu instrumento de mudança social.

IHU - Fui aluno da Prof.^a Vera Schmitz no curso de RP, e através dela pude conhecer melhor o IHU. É um trabalho fascinante, que desperta constante pensamento crítico em nós, seu público.

Unisinos - Visto a camiseta da Unisinos. Cresci aqui, me desenvolvi como pessoa e profissional. Sou um filho desta casa. Sinto-me orgulhoso por ser um funcionário da universidade. Vejo-me como um integrante do projeto Unisinos, e por isso me sinto importante. É uma instituição honesta, que busca de verdade o crescimento e o desenvolvimento dos seus alunos e sociedade em que atua.

Destaques

Crise, políticas públicas e transferência de renda

Na próxima quarta-feira, dia 13 de maio, será realizado na Unisinos o **Seminário Crise, políticas públicas e transferência de renda**. Trata-se de um evento que se constitui como um espaço de debate, considerando que a realidade contemporânea está marcada por uma profunda e complexa crise, que impacta o mundo e necessita ser melhor analisada em suas especificidades no contexto brasileiro e gaúcho. Participarão o secretário **Charles Roberto Pranke**, da Secretaria Municipal de Assistência, Cidadania e Inclusão Social de São Leopoldo; a Profa. Dra. **Isabel Noemia Junges Ruckert**, da FEE – RS e da PUCRS; a Profa. Dra. **Mara Rosange Acosta de Medeiros**, que concluiu sua tese de doutorado sobre o tema da transferência de renda no ano passado; e o Prof. Dr. **Giuseppe Mario Cocco**, da UFRJ. Mais informações podem ser obtidas em www.unisinos.br/ihu.

O Império, a Multidão e a crise atual

Das 17h às 18h30min da próxima quarta-feira, dia 13 de maio, será realizado um **IHU Ideias Especial** intitulado “O Império e a Multidão no contexto da crise atual”. Quem conduz o tema é o Prof. Dr. **Giuseppe Mario Cocco**, da UFRJ. O evento é gratuito e aberto para a comunidade em geral. Mais informações podem ser obtidas em www.unisinos.br/ihu.

X Simpósio Internacional IHU:
NARRAR DEUS NUMA SOCIEDADE PÓS-META-FÍSICA.
Possibilidades e impossibilidades.

Inscrições abertas para o Simpósio Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica

Estão abertas as inscrições para o X Simpósio Interna-

cional IHU: Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e Impossibilidades. O evento, que se realizará no período de 14 a 17 de setembro de 2009, é uma promoção da Unisinos, sob a coordenação do IHU, em parceria com a PUC-Rio. As inscrições podem ser feitas pelo sítio www.unisinos.br/ihu. O investimento para quem se inscrever até 21-08-2009 é de R\$150,00 para profissionais e de R\$75,00 para alunos.

Apoio:

